



CERVEIRA
VILA DAS ARTES

***Afirmção de Cerveira
enquanto destino
turístico e cultural
de excelência,
mas também uma
referência económica
e ambiental***

Fernando Nogueira

Presidente da C.M. de Vila Nova de Cerveira



**Inovação
Qualidade**

31
março

23h30

espetáculo de teatro

QUEIMA DE JUDAS

• A QUEIMA VERMELHA •

CENTRO HISTÓRICO

VILA NOVA DE CERVEIRA



Umbilicalmente ligado ao município de Vila Nova de Cerveira, que serve em funções autárquicas há 25 anos, Fernando Nogueira viu ser-lhe renovada e reforçada, em outubro, a confiança dos seus munícipes, para um segundo mandato. Depois de num primeiro mandato ter consolidado as finanças locais e de ter realizado um notável trabalho de apoio social numa das piores crises financeiras que o país atravessou, o autarca projetou Cerveira, nacional e internacionalmente, como destino turístico e de investimento de excelência. A 'Vila das Artes', conhecida nos cinco continentes pela sua Bienal, é hoje um exemplo no que concerne à proximidade entre os seus cidadãos e o poder local e um território onde se respira democracia participativa... Em entrevista, Fernando Nogueira adianta-nos alguns dos objetivos que definiu para este segundo mandato, que considera crucial para o desenvolvimento de Cerveira e dos cerveirenses.

Viu Ser-lhe recentemente renovada e reforçada a confiança por parte dos munícipes de Vila Nova de Cerveira para mais um exercício autárquico... Atribui este reconhecimento a algum fator em particular?

Entendo que a confiança que os cerveirenses depositaram em nós, pela segunda vez consecutiva, é resultado do reconhecimento do trabalho que realizámos durante os últimos quatro anos. Se numa primeira eleição, os cerveirenses quiseram dar-nos um voto de confiança porque também já conheciam há muitos

anos o nosso percurso de disponibilidade autárquica, desta vez creio tratar-se do reconhecimento inequívoco de que não estavam enganados quando fizeram essa primeira escolha, reforçando significativamente essa posição nas urnas em termos percentuais, porque teremos correspondido às expectativas que nos foram depositadas. É preciso não esquecer que, em 2013, quando me candidatei pela primeira vez à presidência, já tinha 20 anos de trabalho autárquico, com total dedicação e empenho à causa pública, ainda que não fosse então o responsável máximo pela autarquia. Não somos perfeitos, com certeza, não executámos tudo o que gostaríamos de ter executado mas, genericamente, cumprimos um programa com o qual nos tínhamos apresentado a sufrágio. Para este mandato, fizemos o mesmo: apresentámos um programa bem elaborado e estruturado, sustentado e sustentável, no qual os cerveirenses confiam, assim como confiam em nós para o colocarmos em prática com vista ao desenvolvimento de Cerveira.

Será legítimo considerar-se que, quatro anos depois, já se pode fazer o jogo das diferenças entre o pré e o pós Fernando Nogueira em Vila Nova de Cerveira?

Não é fácil fazer-se esse exercício, desde logo porque eu estava muito ligado ao pré... Já tinha um determinado percurso, coerência e atuação que mantive. Assim como mantive os mesmos princípios de empenho, dedicação, isenção e disponibilidade para as pessoas que caracterizaram o meu modus operandi durante 20 anos. É evidente que reforcei a visibilidade ao longo



destes últimos quatro anos mas, como pessoa e para com as pessoas, em nada mudei a minha forma de atuar. Logicamente, mudámos alguns conceitos e opções, nestes quatro anos, como não poderia deixar de ser, porque as pessoas são diferentes, procurando imprimir o meu cunho pessoal na forma de estar e de atuar. Nomeadamente, empenhámo-nos em trabalhar mais a proximidade com os cidadãos em detrimento de fazer obras de grande vulto; empenhámo-nos em reduzir substancialmente a dívida municipal que, apesar de em 2013 ser sustentável, era considerável e ia consumindo alguns recursos do município; e procurámos fazer muitas pequenas obras de proximidade, além de investirmos significativamente numa política de baixa fiscalidade que nos vai permitindo, sempre numa

óptica de sustentabilidade, ajudar as famílias cerveirenses em tudo aquilo que nos é possível.

Neste último mandato, tal como muitos outros autarcas, enfrento um dos piores ciclos financeiros de que há memória no país. Como foi gerir a autarquia e satisfazer as necessidades da população num território de baixa densidade, em que as consequências costumam ser ainda mais sentidas?

Como disse anteriormente, fizemos um redobrado esforço de baixa fiscalidade, mantendo, porém, um equilíbrio que nos permitisse investir nas pessoas e nas atividades que considerámos estratégicas. A par, fizemos uma grande contenção de custos, reduzindo ao mínimo os gastos relacionados com o funcionamento municipal, o que nos concedeu alguma margem para podermos trabalhar com as famílias neste momento mais sensível. Evidentemente, todo o país sentiu as sequelas dessa crise mas, felizmente, em Cerveira, fomos conseguindo manter um nível de desemprego bastante abaixo da média nacional, o que contribuiu para que essa chaga da pobreza extrema não se fizesse sentir de forma tão acentuada. No entanto, também nos deparamos com situações complicadas às quais os nossos serviços municipais de intervenção social tiveram que prestar

muita atenção, acompanhando-as e apoiando-as devidamente e, dessa forma, minimizando possíveis efeitos nefastos. Pagar a água a um custo reduzido, pagar o IMI a um valor o mais reduzido possível dentro da legalidade ou receberem um retorno de IRS de 50 por cento da parte correspondente à autarquia, além de não pagar os transportes escolares e beneficiar de um bom serviço de apoio escolar, são sempre ajudas que fazem toda a diferença no final do mês de cada família...

Um dos principais desígnios dos autarcas de hoje prende-se com a captação de investimento e a criação de emprego... A esse nível, muitos afirmam que Cerveira representa um oásis na região em que se insere...

Eu diria que Cerveira está bastante bem a esse nível, fruto de um trabalho que se vem refletindo ao longo de vários anos. Não obstante encontrarmos algumas lacunas que pretendemos colmatar ao longo deste mandato no sentido de podermos captar ainda mais investimento e colocar Cerveira e os cerveirenses num nível de desenvolvimento económico mais satisfatório. Apesar de ser o município mais pequeno e com menos população do distrito, Cerveira é o segundo que mais contribui para a economia regional e nacional. Somos o segundo município do distrito em exportações e, sozinhos, exportámos mais em 2016 do que os restantes oito municípios de Viana do Castelo. Também temos crescido significativamente a nível do turismo, mas pretendemos crescer ainda mais, particularmente numa área lacunar, que é a oferta hoteleira. Simultaneamente, uma vez que temos o problema do desemprego em níveis que deixaram de ser preocupantes, queremos agora qualificar a oferta e, para o efeito, pretendemos captar mais investimento, empresas de mais elevado valor tecnológico e de mão de obra mais qualificada. Estamos a preparar um conjunto de medidas e de incentivos que facilitem a instalação de empresários que tragam essas mais-valias para o território, tornando-o assim também mais competitivo. Por outro lado, porque pretendemos fixar mais jovens e famílias que venham trabalhar para Vila Nova de Cerveira, apostaremos também na área da habitação a custos controlados. Estou convicto de que, se conseguirmos atingir neste mandato um nível de cumprimento semelhante ao do programa eleitoral anterior, Cerveira e os cerveirenses estarão muito melhor dotados e qualificados dentro de quatro anos.

Retendo alguns dos seus desígnios para o atual mandato, como o crescimento habitacional, turístico e industrial, e conhecendo-se este território como um ex-libris ao nível paisagístico e ambiental, como pretenderá potenciar a este nível o desejável equilíbrio?

Esse é efetivamente um equilíbrio difícil de se alcançar... Apesar de o termos vindo a conseguir de forma muito satisfatória, desde logo porque temos a indústria muito bem "armada" em dois pólos dotados de excelentes infraestruturas que nos garantem segurança em termos

ambientais. Diria que o maior problema ambiental com que nos deparamos se prende com as deslocações, uma vez que o território vive muito à custa da mão-de-obra de outros concelhos e, também por isso, pretendemos fixar mais famílias e jovens. Não obstante, se exportamos 550 milhões de euros de mercadorias, temos que pensar numa alternativa ao transporte rodoviário e estou convencido de que, com a modernização da linha do Minho, estarão criadas condições para diluirmos essa pegada ambiental e melhor transportarmos os nossos produtos industriais. Depois, temos aqui paisagens maravilhosas; temos uma montanha fabulosa que serve a diversas atividades radicais ou de lazer; temos dois rios fantásticos; temos propostas que vão de encontro à incrementação e diversificação da oferta turística, algumas das quais já estão a ser trabalhadas. Temos uma ecovia que foi galardoadada com um prémio europeu de excelência, sendo considerada a terceira melhor; temos um parque que pretendemos transformar e elevar à categoria transfronteiriça e amigo da natureza, numa parceria com um município de Tomiño (Galiza), que nos permitirá uma mobilidade suave e amigável; temos um programa de mobilidade sustentável em curso; pretendemos criar acessibilidades ao rio Minho e criar infraestruturas de apoio ao turismo no rio Coura e Serra d'Arga. Em suma, embora não seja propriamente fácil, creio que o nosso programa vai de encontro a esse desejável equilíbrio entre desenvolvimento e ambiente.

Uma das grandes apostas dos autarcas de Vila Nova de Cerveira tem incidido na área da cultura, que se tem afirmado localmente e aberto portas a uma projeção internacional, como sucede com a Bienal, que atrai diversos milhares de turistas... Diria que conseguiram provar que existe mesmo uma economia da cultura...

Sim, claramente! Todos os indicadores apontam nesse sentido e, a título de exemplo, a nossa Bienal de 2017, só no pólo de Vila Nova de Cerveira, superou largamente os 100 mil visitantes. É um indicador importante, bem como a mensagem que passa para o exterior. A aposta na Bienal está ganha há já alguns anos, consolidámo-la, e esta última resultou num enorme sucesso, fruto do trabalho de uma equipa fenomenal e Vila Nova de Cerveira só ficou a ganhar. Tivemos ainda um extraordinário contributo que vem de encontro a uma das nossas grandes vontades, que é a internacionalização, nomeadamente através da realização da 8ª Bienal dos Jovens Criadores da CPLP, o que nos permitiu obter uma projeção ainda mais diversificada, para além daquela que já temos no continente europeu e de muitos outros países do mundo.



Não sendo Cerveira propriamente um destino turístico de sol e mar, a verdade é que é no verão que concentra o maior número de visitantes. Como pretende combater esta sazonalidade?

Essa é uma das dificuldades que todos sentimos na nossa região. Acima de tudo, temos que criar motivos de atratividade... Mas temos algo que, se por um lado é mau, por outro vem ajudar-nos, que são estas alterações climáticas, que faz com que tenhamos praticamente duas estações e um pouco de verão espalhado por quase todo o ano, atraindo uma crescente procura por parte de turistas franceses e nórdicos. Temos que saber potenciar e promover o nosso território de forma concertada e conjunta enquanto região, fora de portas e num âmbito mais alargado. O nosso clima, as nossas paisagens e a nossa gastronomia são fatores chave de sucesso que têm que ser devidamente aproveitados. E, para quem vem por exemplo do norte da Europa, ter aqui um destino e dois países, dada a proximidade com Espanha, é sem dúvida alguma outra mais-valia que temos que saber vender.

Que Cerveira gostaria de ver daqui por quatro anos?

Gostaria de ver uma Cerveira ainda mais solidária, mais atrativa, uma Cerveira ambientalmente sustentável e livre de qualquer deslizamento ou atropelo relativamente a esta nossa grande riqueza que temos a obrigação de legar para o futuro dos nossos filhos e netos e, conseqüentemente, uma Cerveira um pouco mais desenvolvida. Se amanhã constatar que os cerveirenses são um pouco mais felizes já ficarei satisfeito e sentirei que valeu trabalhar em prol da causa pública.



Alfândega da Fé: um presente com futuro

Como uma das mais endividadas autarquias do país passou a liderar o ranking nacional de transparência.

Existem destinos que fazem todo o sentido... Estamos no interior do país, em pleno nordeste transmontano, onde a natureza ainda se faz ouvir... A distância física das grandes urbes acaba por resultar num prolongamento do prazer para o viajante que se aventura à descoberta das profundezas mais ricas deste oásis. Um oásis, no entanto, durante décadas sujeito a si próprio e à indiferença do poder central, numa espécie de miopia, que não soube reconhecer a assunção de um papel que lhe cabe quanto à diminuição de assimetrias... O quadro natural oferecido por Alfândega da Fé, bem como por concelhos limítrofes, eleva este destino, pertencente ao distrito de Bragança, apenas separado de Espanha por um outro município português e que alberga pouco mais de 5 mil habitantes, à condição de visita obrigatória... Reconhecida como terra do Mestre José Rodrigues, um filho que a terra tem sabido honrar e muito visitada pela oferta cultural que oferece - a Casa da Cultura Mestre José Rodrigues é o mais alto exemplo - mas também por outros ex-libris oferecidos pela natureza e moldados pelo homem, como o azeite, a cereja, a castanha, os hortícolas e o exclusivo desenho e variedade paisagística, esta Alfândega revela-se mesmo dotada de Fé... Apesar das limitações inerentes à interioridade e de terem herdado, há oito atrás, um dos municípios mais endividados do país, eis que, após oito anos de gestão autárquica, Berta Nunes, Presidente da Câmara, e Eduardo Tavares, Vice-Presidente, asseguram ter já alcançado o necessário equilíbrio financeiro e que permitirá ao atual executivo apostar num novo rumo para o concelho. Um novo cluster estará a nascer em Alfândega da Fé, graças a um significativo investimento no regadio que promete dotar a agricultura local de condições de excelência e que começa a potenciar o surgimento de uma indústria de transformação associada. Sob a orientação de Berta Nunes e Eduardo Tavares, ela médica de formação, ele engenheiro agrícola, fomos conhecer um caso ímpar de gestão autárquica, que representa igualmente a combinação de duas gerações unidas por um denominador comum: o serviço público.

Como surgiu este seu percurso na vida autárquica?

Surgiu de forma natural... Sou engenheiro técnico agrícola, desde sempre desejei ser profissional liberal e foi no âmbito dessa atividade que cumprí um outro desejo: o de regressar a Alfândega da Fé após a minha formação para aqui trabalhar e fazer a minha vida. Montei um gabinete de projetos agrícolas, dediquei-me igualmente à atividade de seguros, dei formação profissional na área agrícola e fiz vários projectos. Foi também com naturalidade que cheguei à Cooperativa Agrícola de Alfândega da Fé, que presido desde 2006, tendo surgido então o convite da atual presidente da Câmara Municipal, a Dra. Berta Nunes, para a acompanhar nesta missão.

Há quanto tempo abraça esta missão?

Estou aqui há oito anos, tendo cumprido os dois mandatos com a nossa presidente, com quem estou desde 2005, altura da sua primeira candidatura à Câmara Municipal em que perdemos por pouco mais de 50 votos. A partir daí, demos continuidade ao trabalho que entretanto iniciamos. Dediquei mais tempo à vida política, neste projeto em particular, e conquistámos naturalmente a primeira vitória em 2009. Vamos já no terceiro mandato e é de facto um grande privilégio e uma grande honra para mim ter feito este percurso até aqui com a Dra. Berta Nunes em prol do município de Alfândega da Fé.

Não pretendendo que assuma a posição de juiz em causa própria, mas sendo um "filho da terra" e tendo testemunhado a realidade do concelho ao longo de vários anos, que avaliação faz destes últimos exercícios autárquicos? Alfândega da Fé mudou realmente?

Sim, mudou claramente. É certo que, se tivéssemos encontrado uma situação diferente, Alfândega da Fé estaria hoje ainda melhor e, embora não pretendamos estar a falar recorrentemente da situação financeira, a verdade é que, em 2009, este concelho era conhecido pelas piores razões em termos financeiros e de descalabro económico. Nesse sentido, estes dois mandatos foram claramente dedicados à projeção de uma estabilidade financeira que nos permitisse encarar este terceiro mandato focados em prioridades, como a projeção económica do concelho, a criação de postos de trabalho e a atração de investimento que, de certa forma, tiveram que ficar um pouco de lado nos últimos dois mandatos. Felizmente, hoje, Alfândega da Fé é um concelho estável, com bons indicadores financeiros e com uma recuperação económica muito favorável. A base está construída e olhamos agora para este terceiro mandato com um grande anseio de terminarmos projetos que entretanto, apesar das dificuldades financeiras, já iniciámos, estando agora em plenas condições para os concretizar.

Como se transforma uma das autarquias mais endividadas do país naquela que foi ainda recentemente distinguida como a mais transparente num ranking

nacional?

Com muito trabalho mas, acima de tudo, com muita organização e gestão. São fatores que têm de estar na base de uma instituição que, como uma Câmara Municipal de Alfândega da Fé, queira ser moderna, transparente e eficiente.

Em que medida será decisivo colocar as pessoas certas nos lugares certos?

É claramente muito importante, tal como o é a liderança. Uma liderança forte, que motive, transmita confiança e nos indique os caminhos certos foi o que tivemos nos últimos oito anos, o que, aliado ao rigor das nossas contas, nos permitiu, além de superar o desequilíbrio financeiro em que vivíamos, não desperdiçarmos um euro que fosse dos fundos comunitários disponíveis. Ter aliado isso à execução orçamental que nos permitiu a recuperação económica que evidenciámos representa um grande trabalho e um enorme serviço público, que muito me orgulha. A par disso, também conseguimos criar nestes últimos dez anos - porque também fizemos algum trabalho a este nível enquanto oposição - alicerces muito fortes para alavancar investimento ao longo dos próximos anos, nomeadamente no regadio, que deixarão um marco histórico no nosso concelho. Temos um plano de investimento no regadio que poderá vir a ultrapassar os 20 milhões de euros nos próximos três anos, o que dotará o concelho de melhores garantias de apoio a uma das suas principais atividades: a agricultura. Queremos - e este é um plano estratégico que temos há dez anos - duplicar a área de regadio do nosso território. Num concelho como este, do interior, este desígnio é revelador da nossa ambição. E demonstra que este executivo não esteve apenas preocupado com a água e a seca nos últimos tempos, fruto dos incêndios que devastaram o país e da seca suprema que estamos a sofrer. Pensamos nisto há dez anos, estamos a trabalhar na prossecução deste objetivo há dez anos e é por isso que podemos dizer que temos um conjunto de obras já executadas, outras em execução e outras ainda candidatas com grande probabilidade de virem a ser aprovadas e executadas a brave prazo e que nos permitirão conseguir tirar cada vez mais proveito das nossas potencialidades. Diria que já temos muitos ex-libris, cabenos agora aproveitá-los da melhor forma.

A atual autarca confiou-lhe um grande desafio ao delegar-lhe pelouros de grande responsabilidade...

Todos os pelouros são importantes e representam grande responsabilidade. Durante os últimos oito anos, fui responsável pelo pelouro do urbanismo, onde fizemos alguns trabalhos particularmente interessantes, como a revisão do PDM. Entretanto, em consenso com a equipa do atual executivo, decidimos realizar aqui algumas alterações ao nível da equipa. Nesse sentido, fiquei com a Divisão de Obras, uma estrutura também muito importante, onde poderei realizar um trabalho mais diferenciado e uma missão com perspetiva

de futuro, que privilegia, entre outras tarefas, um contacto ainda mais próximo com os presidentes de junta e com os nossos municípios.

Como prevê a tarefa de gerir uma divisão de obras num município do interior, em que se depara com esta necessidade de promover equilíbrio entre uma riqueza patrimonial, paisagística e ambiental a preservar e a necessidade de modernização, o que pressupõe a elevação da densidade de construção?

É certamente outro desafio! Mais ainda para quem vem do urbanismo, como é o meu caso,

em que podem definir-se algumas regras e objetivos ainda mais importantes no âmbito do ordenamento do território, como sucedeu aquando da revisão do PDM e como sucede relativamente a alguns regulamentos municipais que temos para a edificação e construção no concelho. A verdade é que, complementar agora toda essa aprendizagem na Divisão do Urbanismo com a Divisão de Obras, um pouco mais operacional e direcionada para as pequenas obras nas freguesias e no concelho, de forma geral, permite-nos ter uma leitura ainda mais clara e abrangente relativamente às prioridades de investimento a este nível. E manter esse equilíbrio que frisou é extremamente importante, algo que encaramos mesmo como uma obrigação para com os nossos cidadãos, com a paisagem e com o ambiente.

Alcançada a desejável estabilidade financeira, será também tempo de investir nas pessoas, promovendo a sua fixação e a atração de outras através da captação de investimento e de emprego... Como pretenderá o executivo fazê-lo num município que enfrenta barreiras como a baixa densidade populacional e a interioridade?

Não negamos que é muito difícil... A verdade é que não existem soluções milagrosas. As pequenas câmaras como a nossa podem eleger medidas e tomar decisões muito importantes mas, no meu caso particular que entendo aplicar-se a Alfândega da Fé, não me iludo. Sei que, neste caso concreto, têm que ser também eleitas por parte do Governo medidas profundas. Têm que ser medidas de coesão, estruturantes, concretas e incisivas para invertermos a atual situação. É evidente que nós, depois de solucionarmos a situação financeira do município, temos pela frente, neste e nos próximos mandatos, a grande missão de apostar nas pessoas, fomentar a captação investimento e atrair empresas. Já o temos vindo a fazer mas, a partir de agora, beneficiamos de outras condições financeiras para o fazermos de forma mais intensiva. Mas insisto que o pleno aproveitamento e desenvolvimento deste tipo de territórios depende do desenho e implementação, por parte dos governos do país, de políticas e medidas concretas de apoio e incentivo a empresas e a pessoas no interior. Per si, com estas medidas, os municípios, que já fazem muito e conseguem encontrar muitas alternativas de financiamento ao estatal, não conseguirão resolver o problema do despovoamento, da desertificação, do êxodo rural, da saída dos nossos jovens para as cidades... Creio que os municípios do interior têm que continuar a insistir nesta reivindicação: o problema do Interior só se resolve através de medidas estruturais, de coesão, de fundo, que privilegiem a fixação de empresas. É evidente que cada município terá que fazer o seu caminho e apostas. No caso de Alfândega da Fé, a aposta passa pelo apoio substancial à agricultura de que falei e pela procura ativa de potenciais investidores, particularmente em clusters que possam cruzar a produção agrícola com alguma transformação.

Berta Nunes

Presidente da C. M. Alfândega da Fé

Eduardo Tavares

Vice-Presidente

Berta Nunes

Da medicina à gestão, um caso de estudo no feminino:

Da médica de família à autarca: diagnosticar, "planear terapêutica" e reavaliar...

Como médica de família tive a oportunidade de conhecer o concelho, as pessoas e os seus problemas e percebi que as questões sociais e a existência ou não de oportunidades de emprego e realização pessoal tinham um forte impacto na saúde das pessoas e na sua felicidade.

Essa foi uma das razões para me envolver politicamente, primeiro como presidente da Assembleia Municipal e posteriormente como candidata à Câmara e Presidente da Câmara desde 2009, como uma forma de contribuir para o desenvolvimento do concelho e criar oportunidades para as pessoas cá viverem e se fixarem.

A utilidade da proximidade e do conhecimento da população e do território no exercício da gestão autárquica;

É de grande utilidade para poder perceber melhor os problemas e necessidades da comunidade e das pessoas.

A derrota no primeiro sufrágio: ameaça ou oportunidade?

Em democracia é preciso saber aceitar as derrotas e as vitórias e perceber que o trabalho de oposição é tão importante se for feito com seriedade, como o trabalho de quem governa.

A primeira eleição

O atingir de um objectivo e a satisfação de o ter conseguido, sendo a primeira mulher presidente da câmara no então "distrito" de Bragança, desde sempre. Este segundo aspecto também foi importante e neste momento existem 3 mulheres presidentes de câmara no "distrito" de Bragança, num território que muitos pensavam conservador e que afinal se revelou aberto à mudança e a novos desafios.

O "milagre" da recuperação de contas da autarquia, a distinção como autarquia mais transparente e a última eleição;

Recuperar as contas foi um trabalho árduo e ainda não terminado, porque herdamos uma autarquia extremamente endividada e com prazo médio de pagamento de quase 3 anos! Essa continua para nós a ser uma grande preocupação porque drena recursos para pagar à banca que seriam muito importantes no investimento no nosso concelho. No entanto ser a autarquia "mais transparente" não necessita de muito dinheiro necessita de vontade política e acreditar que a transparência é um valor fundamental da boa democracia.

Estamos no terceiro mandato e mais uma vez foi renovada a confiança da maioria dos eleitores na nossa equipa e no nosso trabalho e isso é compensador.

O futuro de Alfândega da Fé

O futuro exige muito empenho para combater o despovoamento, o desemprego e a falta de oportunidades para as pessoas jovens e menos jovens se fixarem no concelho.

Esse será um trabalho de médio prazo, mas como o futuro se constrói no presente é um trabalho que já está a ser feito e necessitará de continuar a ser feito, por quem vier a seguir, que esperamos seja quem já deu provas de ser capaz, competente e honesto.



Março é o mês do Teatro em Alfândega da Fé

Fins de semana vão ser dedicados a esta arte

No mês em que se assinala o dia mundial do teatro, Alfândega da Fé promove um festival dedicado a esta arte com a exibição de peças de teatro ao domingo. São quatro peças, apresentadas por várias companhias nacionais, que vão trazer ao palco da Casa da Cultura Mestre José Rodrigues diferentes géneros da expressão teatral.

Drama, comédia e teatro infantil vão estar em cena durante os quatro domingos do mês do teatro. Virgílio Castelo vai interpretar uma obra intensa sobre a pena de morte. Depois de ter estreado em Lisboa em dezembro passado, "O último Dia de um Condenado" chega a Alfândega da Fé para dar vida ao texto de Victor Hugo. Uma crítica à pena de morte que a Yellow Star Company apresentou para assinalar os 150 anos da abolição da pena de morte em Portugal e que estará em Alfândega da Fé no dia 11 de março.

Ao palco sobe também a Companhia de Teatro Filandorra – Teatro do Nordeste que apresenta "Um pedido de casamento", uma comédia de Anton Tchekhov para abrir o primeiro de quatro domingos do festival de teatro. Para os mais novos a proposta é um recital de poesia, construído a partir de poemas e música e que entra em cena no dia 18 de março. A Quinta Parede - Associação Cultural, do Porto, apresenta uma versão revisitada do espetáculo para infância e juventude estreado em 1979 em que Lena D'Água dá vida às palavras de Cecília Meireles e à música de Luís Pedro Fonseca.

O último fim de semana está reservado para a companhia de teatro amadora de Alfândega da Fé – TÁFÉ – um grupo dos 8 ao 80 anos que a autarquia local tem vindo a apoiar desde a sua formação e que conta com cada vez mais entusiastas. Março é o mês do teatro em Alfândega da Fé, uma das apostas culturais que o município quer ver crescer nos próximos anos.

Março

FESTIVAL DE TEATRO

Auditório Manuel Faria | CCA
Alfândega da Fé

4 | 15.30h *Comédia
"UM PEDIDO DE CASAMENTO"

Anton Tchekhov
Elenco Bruno Teixeira, Silvano Magalhães,
Gonçalo Fernandes e Bibiana Mota
Filandorra - Teatro Do Nordeste (Vila Real)

11 | 15.30h *Drama
"O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO"

Victor Hugo
Elenco **Virgílio Castelo**
Yellow Star Company (Lisboa)

18 | 15.30h *Teatro Infantil
"OU ISTO OU AQUILO"

Recital de Poesia e Música de Cecília Meireles e Luís Pedro Fonseca
Elenco **Lena D'Água**, José Caldas e Tahina Rahary
Quinta Parede - Associação Cultural (Porto)

25 | 15.30h *Comédia
"A BONECA ABANDONADA"

Elenco Patrícia Camelo, Joana Viana,
Maria Manuel, Vitória Camelo, Adriana Sá,
Sofia Bessa, Iolanda Neno, Inês Costa,
Luís de Sá, Ulema Martins, Marcelo Ferradosa,
Cristiano de Sá, Berta Morais e Carlos Simões
Teatro Tafé (Alfândega da Fé)

ALFÂNDEGA DA
FE
CASA DA
CULTURA
MESTRE
JOSE
RODRIGUES

Município de
Alfândega da Fé



Virgílio Castelo

Lena D'Água

Farmacêutico: o profissional de saúde mais próximo do cidadão

Portugal é hoje um dos países com maiores rácios de farmácias por habitante da UE e aquele que mais farmacêuticos emprega, em média, nesta inigualável rede de proximidade em saúde. Perfeitamente estendidos em todo o território nacional, o ideário do cidadão português relativamente ao farmacêutico passa muito pela imagem do profissional de saúde mais próximo, em quem se deposita toda a confiança e com o qual se partilha muita informação... Na verdade, a farmácia comunitária representa hoje, em muitos casos, a sinalização e a porta de entrada de muitos utentes no SNS ou até a unidade de saúde onde milhares de portugueses são acompanhados, no âmbito de planos terapêuticos relacionados com patologias como a diabetes, doenças pulmonares obstrutivas crónicas (DPOC), doenças cardiovasculares, toxicodependência, entre outras... Também por isto, soa estranho e contraproducente que não existam vias de referência e de partilha de informação entre estas unidades e os serviços públicos do SNS... Mas ser farmacêutico é muito mais ainda. Dos atuais domínios da Medicina Farmacêutica à cada vez mais exigente investigação clínica, passando ainda pela genética, pelo diagnóstico e interpretação laboratorial, até à Farmácia Hospitalar, a ambivalência formativa e o espectro de atuação do profissional de farmácia são certificados de multidisciplinaridade e atestam um grande campo de atuação na saúde pública.

No entanto, ainda que alguns sinais interessantes tenham surgido particularmente nos últimos tempos, a classe farmacêutica confronta-se ainda com determinantes barreiras ao exercício do seu desempenho: do devido reconhecimento do papel do profissional a uma mais efetiva e eficiente integração no Sistema Nacional de Saúde, afigura-se legítimo a classe continuar a pugnar pela consagração de direitos. E é precisamente na prossecução da valorização integral da profissão farmacêutica e, em última análise, na promoção de melhores serviços prestados à comunidade, que surge no contexto a Ordem dos Farmacêuticos. Tal como os farmacêuticos portugueses, a Ordem encontra-se devidamente representada em todo o país através de secções regionais, cuja delegação do Norte se tem evidenciado em domínios como a modernização, a formação, a integração na comunidade e a projeção exterior.

Franklin Marques, figura histórica da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos, que preside neste triénio, transportará no seu legado, entre outras conquistas para a classe que representa, a inauguração das excelentes instalações da Secção no Porto. O professor de Bioquímica da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto combina paixão e razão numa entrevista subordinada ao tema Farmacêutico e à missão da Ordem...

Franklin Marques

Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos



Sendo a promoção da saúde pública e a prevenção da doença dos principais desígnios de uma instituição como a Ordem dos Farmacêuticos, que tipo de intervenção tem realizado a Secção Regional do Norte na prossecução dessa missão?

Efetivamente, enquanto Ordem, o nosso principal objetivo centra-se na saúde pública. Por definição, esta instituição garante o bom exercício dos farmacêuticos no desempenho das suas funções, o que significa que qualquer licenciado ou mestrado em Ciências Farmacêuticas inscrito na Ordem desenvolve aqui um percurso de formação continuada, de atualização de conhecimentos e de especializações, após o percurso realizado na academia, que garante à partida que a Ordem valida as suas competências e bom desempenho profissional. E desta forma, potencia que estes profissionais estejam mais habilitados a exercer essa missão de promoção da saúde pública. Por outro lado, também procuramos exercer essa missão promovendo um relacionamento próximo com as demais entidades da saúde e estimulando a multidisciplinaridade e a união entre os diferentes profissionais de saúde, no sentido de criar sinergias e de induzir caminhos que resultem na melhoria dos cuidados prestados ao doente. Hoje em dia, o farmacêutico é muito mais do que um especialista do medicamento... Diria que o farmacêutico usa o medicamento como o cirurgião usa o bisturi. E é de um complexo processo que envolve trabalho, preparação, manuseamento e utilização do medicamento e interação com o utente e os demais profissionais de saúde envolvidos num determinado plano terapêutico que deve resultar o seu modo de atuação.

Mas, nesse sentido, a profissão farmacêutica não parece estar ainda devidamente dignificada... Se, por um lado, temos uma população em geral que reconhece hoje no farmacêutico comunitário um papel essencial e lhe confia muitas vezes a função de porta de entrada no sistema nacional de saúde, por outro lado, o farmacêutico não tem ainda acesso a ferramentas essenciais, como a plataforma Dados em Saúde...

É verdade... Acrescentaria que tudo isso é alicerçado num contexto histórico... Falando particularmente na farmácia comunitária e no contexto da proximidade com o cidadão, diria que a farmácia é o que o farmacêutico é. E é, antes de mais, uma instituição de saúde que deveria estar muito mais integrada no sistema de saúde do que atualmente está. E, mesmo sendo uma entidade privada, considero que dessa carência de integração resulta um grande desperdício dos conhecimentos que temos no farmacêutico e nas farmácias em Portugal. Também devo admitir, por outro lado, que temos vindo a assistir à celebração de protocolos e à conceção de programas muito interessantes que visam uma melhor articulação e interação entre o médico prescritor e o farmacêutico. É algo que, paulatinamente, vai acontecendo e ajudando a colmatar alguns défices, como o que apontou, do não acesso aos dados em saúde individual dos utentes. Mas é algo que, estou perfeitamente convicto, irá necessariamente acontecer. O facto de não termos acesso ao historial e a uma série de dados sobre o doente obriga-nos a adotar uma atitude responsável, o que implica dispensar-lhe muito mais tempo na procura de informações sobre a sua história clínica, interações medicamentosas e outros episódios. Tudo isto seria muito mais claro e objetivo se tivéssemos acesso aos seus dados,



o que certamente acontecerá... Diria que é apenas uma questão de tempo.

Isso remete-nos para outro conceito, o acto farmacêutico... O farmacêutico comunitário substitui outros especialistas nesse trabalho de diagnóstico, de aconselhamento e dispensa no trabalho que desenvolve com o utente mas não é devidamente remunerado...

Sim, essa é outra questão que ainda poderá e deverá ser revista e melhorada... O acto farmacêutico já existe mas, na verdade, poderia contemplar outras competências que possuímos. A título de exemplo, os brasileiros, os canadianos, os ingleses, já contemplam a prescrição farmacêutica no âmbito do acto, mesmo segundo protocolos estabelecidos, mas relevaria a questão que frizou, ou seja, a não remuneração de todos os serviços que prestamos na farmácia comunitária, que são feitos em função da dispensa do medicamento e acoplados ao preço do mesmo. Em Inglaterra, por exemplo, pela consulta e monitorização de doentes que iniciam medicação crónica, o farmacêutico recebe entre 20 e 28 libras; Em França, as farmácias que acompanham regularmente doentes, como os hipocoagulados, são compensados por um fee, da ordem de 40€/doente. Em suma, existem ainda algumas medidas que deverão ser revistas e outras a implementar no sentido da valorização do acto farmacêutico. Mas, tal como referi relativamente à questão do acesso aos dados em saúde, também estou plenamente convencido que será apenas uma questão de tempo até esta justa valorização se tornar uma realidade.

Sendo já evidente esse papel de porta de entrada no SNS que muitas farmácias portuguesas desempenham, com especial preponderância no seguimento de determinadas patologias, como a diabetes, a hipertensão, a toxicodependência ou o alcoolismo, em que medida faria sentido a criação de uma via de referência, uma espécie de via verde, a partir do farmacêutico para os cuidados especializados?

Nós já fazemos isso há muito tempo! Pena que seja apenas no plano informal, o que não faz qualquer sentido... Isso passa, necessariamente, pela maior e melhor integração da farmácia de que falava... Concordo plenamente e defendo a criação de uma via verde para casos sinalizados na farmácia, que permita o acesso facilitado do doente a um centro de saúde ou a um hospital e que potencie a partilha de informação sobre esse mesmo doente. Isto implica uma maior consciencialização e abertura por parte dos poderes instituídos, no sentido de reconhecerem e validarem este importantíssimo trabalho do farmacêutico feito ao nível da farmácia em benefício do utente e de facilitarem esta ligação, que deve ser necessariamente mais direta e mais próxima.

Entretanto, há cerca de um ano, uma grande reivindicação da classe foi finalmente atendida, a da



carreira farmacêutica...

Sim, foi uma luta de muitos anos... a ver vamos se será agora devidamente implementada em todos os seus aspectos... A carreira é importantíssima para a profissão farmacêutica, desde logo porque reconhece profissionais que trabalhavam há muitos anos nos hospitais, numa situação perfeitamente insólita, numa espécie de limbo... Também tem repercussões em várias áreas, nomeadamente nas análises clínicas, onde, como exemplo paradigmático, o reconhecimento e as competências dos titulares da Especialidade, obtidas pelo SNS (hospitais), não coincidiam com aquelas que legalmente lhe eram conferidas pelo correspondente título atribuído pela Ordem dos Farmacêuticos para o desempenho das mesmas funções... Depois, existindo carreira, existe igualmente a possibilidade de progressão, o que potencia que todos os elos de ligação se unam com coerência. Neste momento, nos hospitais, verifica-se um enorme hiato entre os profissionais novos e aqueles que aí laboram há muitos anos e, se esse hiato de formação não for preenchido, correremos o risco de quando estes se reformarem, sobrar um imenso vazio. E a carreira permite que, partindo da base, o profissional se vá adequando e adquirindo as necessárias competências para responder à complexidade do contexto hospitalar para ocupar um cargo que, por direito próprio, desempenha. Há que recordar que um centro hospitalar gere não só recursos financeiros mas igualmente as carreiras dos profissionais, os recursos humanos. E não fora a grande expertise, a capacidade de adaptação e as competências adquiridas e demonstradas pelos farmacêuticos hospitalares, os raros casos de acidentes que assistimos no passado nos hospitais poderiam ter adquirido outra expressão... E continuamos a ouvir falar insistentemente dos médicos ou dos enfermeiros mas, desse grande suporte que é o farmacêutico hospitalar, que valida os medicamentos e terapêuticas, que colabora na compra dos medicamentos, que dá pareceres, que está com o doente na vertente clínica, ninguém fala... É para a grande maioria uma profissão com pouca visibilidade mas, quem está no hospital, sabe que não é assim de todo porque precisa deles e deles vive.

E esses outros especialistas que vivem com o farmacêutico hospitalar reconhecem-lhe essa

preponderância?

Lá dentro sim... Os hospitais que contactamos no norte são unânimes ao considerarem que, sem o farmacêutico, a actividade hospitalar no seu todo e a garantia da qualidade do tratamento do doente estariam comprometidos, considerando-o uma peça fundamental na prestação de cuidados. Mas reforço que esta demora no reconhecimento da carreira contribuiu muito para esta carência de visibilidade que ainda persiste.

A Secção Regional do Norte da Ordem dos

Farmacêuticos deu, em outubro do ano passado, um grande passo no sentido da qualificação e modernização da sua estrutura, materializado na inauguração das suas novas instalações no Porto... O que muda em concreto a partir desta obra, por muito já considerada um excelente exemplo do ponto de vista arquitectónico e funcional?

Muda, desde logo, a maneira como nos encaramos a nós mesmos... E é uma prova de grande estoicismo e de convicções porque fomos capazes de fazer algo diferente, somos capazes de superar dificuldades, de nos afirmarmos, de existir enquanto classe e mostrámos ser tão bons quanto os demais, pelo menos na capacidade de associação e de empreendedorismo. Muda também porque passámos a dispor de condições para enfrentar novos desafios e destacaria os inúmeros pedidos que temos recebido para a realização de ações de formação e de eventos, o que resulta em maior visibilidade dos farmacêuticos no exterior. Muda porque nos permite ter uma ligação, uma abertura e uma disponibilidade ainda mais forte ao exterior, algo por que sempre pugnamos nesta Secção. E refiro-me particularmente à comunidade, ao norte do país, à cidade... Muda porque estamos mais transparentes e visíveis em termos de localização e de arquitectura do espaço. As pessoas veem-nos de fora do edifício, veem alma cá dentro, veem pessoas que cá trabalham com um sorriso e de porta aberta ao exterior. Temos espaços agradáveis, que podem ser visitados e desfrutados por farmacêuticos ou por meros cidadãos, faltando-nos apenas a segunda fase, a edificação de um espaço de interpretação de ciências farmacêuticas, onde qualquer interessado poderá conhecer o que realmente representa a nossa profissão. Foram muitos anos a pugnar por isto, conseguimos-lo e, por isso, diria que estamos também a mudar o futuro.

E mudará certamente a consagração de um desígnio nobre da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos, a realização de formação...

Sem dúvida! E em condições

óptimas. Sob o ponto de vista do espaço e logística, temos neste momento um espaço maior e melhor para a formação, com seis salas onde podem decorrer ações em simultâneo, com capacidade para cerca de 400 pessoas. Temos já planeadas novas ações, muito interessantes, iniciámos já um ciclo de formação de um ano subordinado à Medicina Farmacêutica e Investigação Clínica, uma área primordial, estruturante e com grande potencial, em que estamos a criar profissionais competentes e muito bem capacitados.

Como será o programa de formação para este ano?

Além deste ciclo dedicado ao tema Medicina Farmacêutica e Investigação Clínica, que decorrerá ao longo de todo o ano, teremos formações pontuais na área da farmácia hospitalar e cursos na área da genética. Em junho, organizaremos as Jornadas Atlânticas, tradicionalmente entre o norte de Portugal e Galiza e atualmente estendidas a farmacêuticos

de todo o território espanhol, que este ano se realizarão nestas novas instalações e verão a sua internacionalização reforçada com a presença de especialistas de vários países. Para outubro, estamos a projetar a realização das jornadas sobre Análises Clínicas, bem como de um curso intensivo na área da gestão farmacêutica. Além destes eventos, que consideraria os de maior dimensão, teremos outros mais direccionados, que oportunamente anunciaremos. E aqui não incluo as Noites a Ordem, que tem identidade própria ...

Face às temáticas elencadas nesses programas de formação, percebe-se uma grande diferenciação no plano científico e da investigação, nomeadamente clínica, o que pressupõe que ao farmacêutico seja hoje exigido um conjunto de conhecimentos e competências verdadeiramente multidisciplinares e fundamentados pela evidência científica...

Felizmente, do ponto de vista académico, sempre tivemos um curso muito aberto. Nunca fomos focados para apenas uma área definida. A nossa formação académica contempla atualmente cinco anos com um cariz muito ambivalente.

Tem uma grande incidência nas áreas da biologia e do medicamento mas destacaria a sua significativa ambivalência. Na verdade, quando falamos em saúde, temos que eleger uma perspetiva holística e é no conjunto do contributo das diferentes disciplinas, saberes e perspetivas que encontraremos o melhor serviço a prestar ao doente. E, numa área como a da prestação de cuidados de saúde, em que é cada vez mais evidente a necessidade de promover a multidisciplinaridade e de comungar saberes, nós

farmacêuticos, temos a felicidade e o orgulho de congregarmos especialistas em toxicologia, alimento, medicamento, diagnóstico e interpretação laboratorial, análises clínicas, genética... Tudo isto converge para o mesmo fim: prevenção da saúde, tratamento da doença e melhoria da qualidade de vida do doente, do cidadão. Portanto, temos competências individuais muito amplas e disparees que convergem para um ponto único. No seio da Ordem, procuramos encontrar pontos comuns em que todas essas valências conivjam, não desprezando contudo vertentes mais específicas. Tendo como base estas competências e saberes multidisciplinares, considero que a ainda deficiente integração do farmacêutico no SNS é um desperdício para o cidadão e para o País. Como Professor e dirigente da Ordem, defendo a urgência em promover uma maior e mais

rápida integração deste profissional, que considero uma peça fundamental no xadrez da Saúde em Portugal.

Em Portugal, assistimos atualmente a um debate sobre o uso terapêutico da canábis, enquanto planta, cujo cultivo individual, perspetiva-se, poderá vir a ser igualmente discutido. Sabendo-se que nem toda a planta tem efeitos terapêuticos, em que medida será legítimo questionar-se por que não são os farmacêuticos, enquanto especialistas e investigadores no medicamento chamados para esta discussão?

À partida, dada a problemática em questão, creio que o tema merece uma análise sem preconceitos alicerçada muito em razões técnico-científicas e de evidência. Sabemos que já se encontram reconhecidos e identificados alguns efeitos terapêuticos da utilização de alguns componentes da canábis, na sua forma isolada. Mesmo em Portugal já existe a possibilidade de prescrição de medicamentos contendo 2 desses compostos, o tetrahydrocannabinol e canabidiol.

Contudo, existem poucos estudos efectuados na planta, como um todo, que contem muitos outros com acção desconhecida, não tendo por isso sido possível, até ao momento, obter resultados comparáveis. Face à evidência atualmente disponível, para fins terapêuticos, optaria por um controlo dos princípios ativos disponíveis, bem doseados e controlados, sob a tutela do Infarmed, tal como se procede para qualquer outro medicamento. No entanto, em nome individual, não devo nem posso descartar, à partida, assumir outra posição, desde que assente na evidência e na análise de benefício e risco. Nós, na Ordem dos Farmacêuticos, também estamos a discutir no nosso seio essa temática, e com recurso também a outros especialistas na matéria, no sentido de tomarmos uma posição mais concertada e sustentada em evidência produzida.

(Nota: após a realização deste entrevista, a Ordem dos Farmacêuticos tomou a sua posição pública sobre a matéria, em parecer que pode consultado no sítio ordemdosfarmaceuticos.pt)

Por onde passará o futuro da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos?

O farmacêutico continua a ser considerado como um profissional activo e confiável em termos de saúde pública e de apoio a quem dele necessita. São constantes as manifestações de farmacêuticos, em prol dos mais desprotegidos e mais vulneráveis, veja o exemplo do Banco dos Medicamentos, num exercício de cidadania participada invejável. O que está a acontecer atualmente em Portugal, como com a implementação de novos protocolos e novos ensaios pilotos em distintos âmbitos, dignifica e valoriza, ainda mais o profissional farmacêutico, e augura um futuro próximo mais activo e interventivo para todos nós.

Um exemplo mais foi a apresentação recente do programa SAFE no Nordeste de Portugal, onde a participação dos farmacêuticos é fundamental na sua prossecução.

A recente consagração da carreira farmacêutica no SNS, abrangendo os farmacêuticos de todas as áreas de actividade, é outra circunstância mais que parece auspiciar um bom caminho. A situação relativa à farmácia comunitária está muito condicionada pela recente crise que decorreu, havendo ainda muitas farmácias em dificuldades. Contudo a situação parece tender a melhorar com benefícios para a saúde e o cidadão, uma vez que a rede de farmácias e a sua distribuição é fundamental no contexto da prestação de cuidados de saúde. E com ela tem de melhorar a situação dos farmacêuticos que nelas desempenham as suas actividades e que também sofreram inúmeras dificuldades. Parece-me justo afirmar que será tempo de alterar este quadro e finalmente valorizar os nossos colegas e, desse modo, valorizar também a farmácia. É verdade que a farmácia portuguesa apresenta um maior índice de farmacêuticos do que a média europeia, o que poderá ser entendido como um bom sinal e um bom compromisso do farmacêutico. Valorizo a existência de muitos farmacêuticos nas farmácias e o facto de a profissão ainda ser considerada apetecível. E adivinho um caminho bem mais agradável do que aquele que tivemos que percorrer no passado. Acredito que as condições de trabalho destes profissionais serão cada vez mais adequadas e acompanhadas pela devida consciencialização dos empregadores no sentido de melhor valorizarem os farmacêuticos, que são no fundo o recurso mais preponderante para o sucesso das suas farmácias. E a Secção Regional do Norte está e estará sempre presente ao lado daqueles que dos farmacêuticos necessitam, em prol da Saúde pública, do cidadão e do País.



C / usina



Nasceu um novo conceito gastronómico na Lionesa

Nova carta da C'usina junta tradição e requinte

Propostas são assinadas pelo Chef Emanuel Silva

Novos sabores e novas texturas preenchem a carta da C'usina, renovada pelo Chef Emanuel Silva pela primeira vez. A ementa acompanha a reinvenção do conceito do restaurante, agora focado em conquistar os paladares mais exigentes com propostas baseadas na gastronomia tradicional, mas com um toque de modernidade e requinte.

Localizada no Centro Empresarial da Lionesa, em Leça do Balio, a C'usina empresta a um almoço de negócios ou a um encontro mais intimista, um momento único de sabores. É com vista para o jardim - e, ao fundo, para o Mosteiro -, que pode degustar os pratos da nova ementa que apresenta uma inovadora abordagem da gastronomia portuguesa.

O bacalhau com broa e a corvina grelhada com aipo confit são os mais tradicionais pratos de peixe que se destacam no menu. Nas propostas de carne, não podemos deixar escapar a barriga de porco, cozinhada a baixa temperatura, acompanhada por puré de chervia e salada de cenouras. Para os amantes de um bom bife, a sugestão recai para o taco de vitela, servido com cogumelos frescos, alho francês e batata gratinada. Há também opções vegetarianas como um delicioso creme de tomate com queijo fresco e legumes assados.

A finalizar, delicia-se com as reinvenções doces da Chef de pasteleria Cláudia Rodrigues. Aqui o difícil vai ser mesmo escolher. Destaque para a tarte de tangerina com sorbet de maracujá, marcada pelos ácidos, mas equilibrados sabores cítricos. Se preferir combinações mais harmoniosas, o chocolate é sempre a resposta. Experimente a pannacotta de chocolate com crumble de côco e gelado de baunilha.

Esta ementa marca um novo início para a C'usina. Emanuel Silva conseguiu, assim, dar continuidade a uma cozinha simples acompanhada por uma carta de vinhos à altura de um brinde e onde sobressai, também, uma oferta bastante equilibrada para o vinho a copo.

Para além do espaço de esplanada, a C'usina tem capacidade para 50 lugares que se distribuem por uma sala ampla e bem iluminada, propícia à degustação e a uma boa conversa.

O espaço abre as portas para almoço de segunda a sábado, das 12h00 às 15h30, e serve jantares de quinta a sábado, entre as 19h30 e as 22h30.



Rua da Lionesa, nº 446 - Leça Do Balio, Porto, Portugal ✉ geral@usina.eu ☎ 22 098 2043
Parque de estacionamento privativo

Diogo Cunha, Clínica de Implantologia e Estética Oral

O admirável mundo novo da Medicina Dentária

Com apenas 35 anos de idade, Diogo Cunha figura já entre os grandes nomes da Medicina Dentária nacional. Sustentando esta ascensão meteórica num currículo sem paralelo, constituído por mais de 20 pós-graduações e dois masters internacionais, esta referência portuguesa partiu cedo de Guimarães para um périplo de países, onde sedimentou conhecimentos e criou novas práticas, junto dos maiores experts mundiais na sua área de actuação clínica, tendo regressado, há cinco anos, às origens. Foi em Guimarães que Diogo

Cunha inaugurou, em 2012, a Clínica Sorriso Modelo, que viria a resultar, em Maio de 2017, na Diogo Cunha, Clínica de Implantologia e Estética Oral, uma unidade baseada num conceito de intervenção multidisciplinar que, muito certamente, não tardará a ser reconhecida internacionalmente, nas áreas de Implantologia e Reabilitação Oral Estética. Inovação & Qualidade foi conhecer o percurso desta referência portuguesa e o conceito da Diogo Cunha, Clínica de Implantologia e Estética Oral...



DIOGO CUNHA
CLÍNICA DE IMPLANTOLOGIA E ESTÉTICA ORAL



Como caracterizaria o actual estado da arte em matéria de prestação de serviços em saúde oral em Portugal?

Converso habitualmente com os meus pacientes sobre esse tema e comungamos a convicção de que, na faixa etária superior aos 40 anos, a ausência de dentes é uma realidade bem presente. No passado, eram realizadas demasiadas extracções dentárias e as pessoas perdiam, essencialmente, molares, colocavam próteses e, durante anos, mantinham uma mastigação muito deficitária. Em Portugal, até meados dos anos 90, tínhamos uma décalage muito grande a nível de conceitos, conhecimentos e técnicas, face à realidade de outros países, então mais desenvolvidos, ao que não terá sido alheio o facto de haver muito poucos profissionais dedicados à saúde oral. Recordo que, na altura, havia excelentes profissionais nos E.U.A, no Brasil, país que inclusive acabou por viver um quadro de excesso de oferta. Por outro lado, na Europa, destacam-se países como Itália, Alemanha, Suíça e os nórdicos Suécia e Noruega, onde também era promovido um maior contacto com o domínio científico. Mais tarde, a partir do início do século XXI, começou a verificar-se um aumento exponencial de médicos dentistas e protésicos no nosso país, o que está a propiciar o surgimento de profissionais muito qualificados, nas mais diversas valências da Medicina Dentária.



Hoje, a forma como vivemos o dia-a-dia e encaramos a própria concorrência são factores que nos obrigam a sermos muito mais competitivos, a diferenciarmo-nos e a procurarmos o conhecimento com maior afinco. Mais a mais, neste momento, Portugal, fruto da evolução frenética, constante e globalizada, à qual a saúde oral também não escapa, atingiu um ponto de saturação de mercado, que se materializa num excesso de oferta até nas regiões do interior do país. Por este motivo, somos, actualmente, um dos principais exportadores de médicos dentistas.

Em que medida terá esse fenómeno ajudado a qualificar a profissão?

Felizmente, hoje em dia, há um grande investimento, por parte dos profissionais da saúde oral, em formação diferenciada, bem como uma preocupação constante em promover intercâmbio com os bons profissionais estrangeiros, que vêm cá partilhar e dar formação. Há cada vez mais portugueses a visitar outros países e a aprender com os melhores. O aumento do número de

médicos fez com que, consequentemente, existissem mais profissionais qualificados no país, a meu ver.

Elegendo como referência o topo dos médicos dentistas portugueses, estamos equivalentes ao que



melhor se pratica no mundo?

Sim, estamos, claramente.

E como são vistos estes portugueses de referência pelos seus pares estrangeiros?

Constato que começamos a ter alguns profissionais de topo, em várias áreas da Medicina Dentária, e estes são vistos lá fora como excelentes.

No caso particular do Dr. Diogo Cunha, em que medida eleger essa preocupação em torno da formação contínua, mesmo após ter concluído a graduação que lhe permitiu exercer?

Sim, essa tem sido efectivamente uma grande aposta. Formei-me em 2006 na CESP, em Gandra, e posso dizer que, no meu ano de estágio, já atendia 12 doentes por dia, o que é muito bom...

Mas sempre quis aprender com os melhores e, nesse mesmo ano, tive a sorte de ir trabalhar para um consultório de um médico brasileiro em Guimarães, que possui uma clínica e uma escola de formação, no mesmo edifício.

Então, durante a semana dávamos as consultas ditas normais onde, nos primeiros três meses, aprendi algumas dicas na execução dos tratamentos considerados mais simples. Passei ainda pelo laboratório, onde fiquei a conhecer o ofício do protésico, o que me auxiliou a adquirir critério na discussão dos casos e a fomentar um bom diálogo; a este nível, trabalhei igualmente em laboratórios com profissionais conceituados, nomeadamente em Espanha e no Brasil e, ao fim de semana, trabalhava também com esse médico em formações modulares, que ministrava em áreas mais complexas como a Cirurgia, Implantologia, Prótese fixa, Estética... Também nessa clínica tive oportunidade de lidar e aprender com inúmeras referências internacionais, quer localmente, quer em visitas aos seus países de origem e, com muitos, ainda mantenho vínculo... Além de aprender muito na prática, foi realmente uma escola muito importante no meu percurso. Depois, fiz os masters de Cirurgia e Implantologia com o Dr. Matos da Fonseca, uma das maiores referências mundiais, ao nível da Cirurgia maxilo-facial, que me convidou a efectuar residências na sua clínica, no British Hospital, onde fazíamos cirurgia “pesada” de bloco, o que resultou também numa escola extremamente importante para a minha formação. Entretanto, quando saí da clínica, em

Guimarães, fui para São Paulo, onde frequentei a maior escola de pós-graduações de Medicina Dentária da América do Sul. Também aí, travei amizade com alguns professores, grandes referências mundiais, que me convidaram para trabalhar nas suas clínicas privadas. Ainda hoje, vou, uma ou duas vezes por ano, ao Brasil, momentos que aproveito para partilhar ideias e praticar. Quando voltei, trabalhei 4 anos num hospital, em Valpaços, onde estava responsável pelas disciplinas de Prótese fixa, Cirurgia e Implantologia, maioritariamente. Felizmente, com a aplicação de novas técnicas e conceitos que aportei à unidade deste hospital, ganhei respeito e alguma notoriedade, algo de que muito me orgulho.

Ao fim desses quatro anos, abri um consultório numa Policlínica local, precisamente na mesma altura em que também abracei uma oportunidade em Chaves, num consultório da Clínica da Ponte Romana, que exploro, ainda hoje, após oito anos. Tive, ainda, um consultório dentário na Clínica do Dr. Tallon, no Porto, até que, quando surgiu a possibilidade de voltar à minha terra natal, Guimarães, abri uma pequena clínica, onde atendia cerca de 25 pessoas por dia, logo desde o início. O espaço começava a revelar-se insuficiente, até que surge, finalmente, a oportunidade de me estabelecer no



local actual, que, inicialmente, tinha o nome de Sorriso Modelo, mudando, em Maio de 2017, a designação para Clínica Diogo Cunha. Neste momento, em que já concluí as obras de remodelação, estou a apostar no desenvolvimento da componente comunicacional, com a construção do site, presença nas redes sociais, rebranding, criação de um estúdio fotográfico, para a documentação de todas as reabilitações, sobretudo na área da Estética oral.

E em que consiste este actual projecto, a Clínica Diogo Cunha?

Consiste numa equipa de médicos dentistas, assistentes e administrativos, altamente credenciada nas suas áreas de actuação, que trabalha para atingir resultados de excelência e altamente diferenciados, recorrendo a técnicas e tecnologia de última geração.

Por outro lado, também tive a sorte de trabalhar nas áreas mais complexas da profissão desde que me formei, nomeadamente Cirurgia, Prótese fixa e Implantologia, perfazendo já 11 anos e meio de prática, o que me confere a confiança necessária para acreditar no sucesso crescente do projecto.



Tem uma ideia de quantas bocas lhe passaram pelas mãos?

Alguns milhares, com certeza.

O Dr. Diogo Cunha é uma referência em duas áreas altamente diferenciadas: a Implantologia e a Reabilitação Oral Estética... Já se deparou, a estes níveis, com algum caso que não conseguisse resolver?

Não... Recebemos pacientes locais, do estrangeiro, de Lisboa, Porto, Fafe, Felgueiras, Chaves, de todo o lado, certamente, pois damos resposta adequada aos mais diversos problemas. Funciona muito pelo célebre “boca a boca” e, neste momento, é também esta componente comunicacional que pretendemos afirmar, nomeadamente tornando-nos mais interventivos, com a criação do site e página nas redes sociais, bem como algumas interações em imprensa escrita local, nacional e em meios televisivos.

Respondendo concretamente à sua questão: há casos muito desafiantes, mas, felizmente, até ao momento, temos encontrado sempre uma solução válida e eficaz para resolvermos os problemas com que nos deparamos.

Como descreveria a evolução da importância percebida pela população relativamente à saúde oral?

Foi mudando ao longo dos últimos anos... Tal como afirmo, dada a escassez de recursos e informação na área da Medicina Dentária em Portugal, antigamente, extraíam-se muitos dentes, desnecessariamente. Basicamente, quando dóia, não se tratavam cáries, nem se desvalorizavam dentes... Acima dos 60 anos, mais de metade da população portuguesa não tem qualquer dente... De há alguns anos para cá, começou a verificar-



se muita procura para colocação dos dentes em falta, recorrendo ao ramo da Implantologia. Há sensivelmente três anos, começamos a ter outro tipo de procura: face à dificuldade em encontrar trabalho, e também fruto da tendência actual, a demanda estética impera, ou seja, as pessoas começaram a considerar a aparência uma prioridade. Então, muitos pacientes que solicitavam os nossos serviços para a resolução de problemas funcionais de ausência de dentes, começaram também fazê-lo relativamente a questões estéticas. Começamos a ter uma grande procura por áreas específicas, nas quais estou a investir significativamente, como as facetas cerâmicas, mais concretamente as “lentes de contacto”, que são fragmentos de porcelana aplicados directamente sobre dentes intactos, sem necessitar de qualquer tipo de preparação e que corrigem o tamanho, a forma, a cor e a posição dos dentes, permitindo atingir resultados estéticos impressionantes. Para todo este set up, recorro a ambiente de estúdio, que, recentemente, montei na Clínica, realizando uma sessão de fotos e vídeo pessoal, para que a comunicação entre médico dentista, paciente e protésico seja o mais completa possível e se atinjam resultados finais mais satisfatórios. Também os tratamentos faciais, como o preenchimento, aplicação de botox, aparelhos ortodónticos invisíveis (Invisalign e Ortodontia lingual) e o recurso a Laserterapia com Laser Foton, recentemente adquirido, para tratamentos de diversos derrames, acne, cicatrizes, rugas, aumento do volume labial, remoção de sardas e pequenos sinais, entre outros, de forma rápida, indolor, previsível e eficaz, são algumas das nossas valências. Em suma, temos um novo mundo a despertar em Medicina Dentária e Estética.

DIOGO • CUNHA

Clínica de Implantologia e Estética Oral

ESPECIALIDADES DENTÁRIAS

IMPLANTOLOGIA
NÍRGENA ORAL
RECONSTRUÇÃO TECIDUAL COM PLASMA
ODONTOPEDIATRIA
RECONSTRUÇÃO COM CERÂMICA
PRÓTESE FIXA E REMOVÍVEL
BRANQUEAMENTO A LED

+351 253 298 735
geral@clinicadiogocunha.pt
facebook.com/clinicadiogocunha
instagram.com/clinica_diogocunha

arte e ciência
em saúde oral

LASERTERAPIA
ORTODONTIA
INVISALIGN
ENDODONTIA
DENTISTERIA
ODONTOPEDIATRIA
RECONSTRUÇÃO TECIDUAL COM PLASMA
BRANQUEAMENTO A LED



DIOGO • CUNHA

CLÍNICA DE IMPLANTOLOGIA E ESTÉTICA ORAL

Av. Dom João IV, 171 • 4810-531 Guimarães
Tel.: 253 298 735 / 916 681 654
E-mail: geral@clinicadiogocunha.pt
www.clinicadiogocunha.pt

f /ClinicaDiogoCunha i /clinica_diogocunha

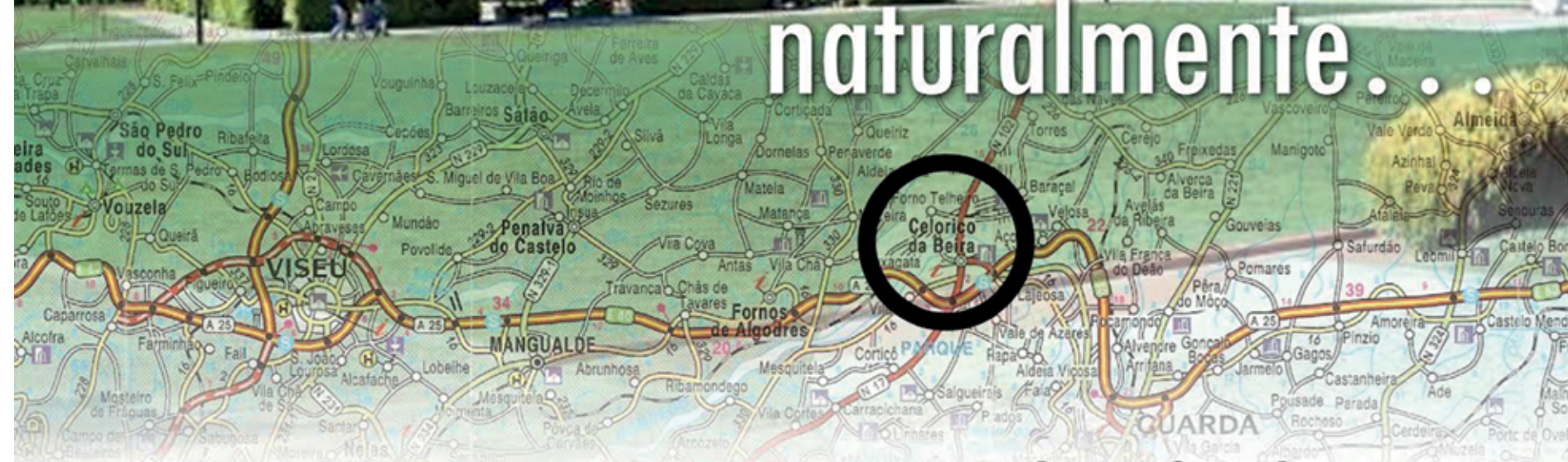
Medicina Dentária

- Implantologia
- Smile Makeover
- Cirurgia Oral
- Regeneração Tecidual com Plasma
- Periodontologia
- Sedação Consciente
- Prótese fixa e removível
- Braqueamento a LED
- Ortodontia
- Invisalign
- Endodontia
- Dentisteria
- Laser terapia
- Odontopediatria
- Oclusão, ATM e dor orofacial
- Roncopatia e apneia obstrutiva do sono

Especialidades Clínicas

- Medicina Geral e Familiar
- Psicologia
- Nutrição
- Terapia da fala e motricidade oral
- Medicina estética
- Enfermagem
- Análises Clínicas

ATREVA-SE! naturalmente...



Para uma aventura no Portugal Profundo... ...um Hotel familiar espera por si ...!

O Hotel Mira Serra é uma unidade “familiar” de 3 estrelas estrategicamente situado na vertente norte da Serra da Estrela a 42 Km’s de Viseu e a 18 da cidade da Guarda.

Apresentando-se como o local ideal para daí partir à descoberta...

Situado na Vila de Celorico da Beira, frente ao Jardim Carlos Amaral, onde são possíveis várias atividades “out door”, esta unidade dispõe de 42 quartos, duplos, de casal, triplos e familiares interno-comunicantes.

A reconhecida qualidade do seu Restaurante a preços acessíveis e a posição estratégica da região onde está situado, são as suas grandes “mais valias” para “servir de base” à aventura de descoberta deste Portugal profundo!

À proximidade das 12 Aldeias Históricas de Portugal e aos 22 “Castelos da Raia” acrescenta-se a proximidade dos passeios no Douro e o próprio parque natural de Serra da Estrela, com as suas paisagens deslumbrantes que a natureza vai transformando ao longo do tempo.

No campo religioso são vários os “diamantes” que a região tem para oferecer desde Igrejas e capelas ricas em tesouros e lendas à Sé da Guarda e ao “místico” Santuário da Sra da Lapa (o mais importante local de peregrinação em Portugal anteriormente aos milagres de Fátima)

Também quanto aos monumentos megalíticos e Pré-históricos, hesiste um património rico nesta região onde a presença humana se perde no tempo. Os acessos estão facilitados pelas autoestradas A22 e A25 e pela comodidade das viagens feitas através do comboio.

Aveiro e Salamanca estão a menos de 150Km’s. Viajando só, com a família ou em grupo, a unidade fornecerá previamente todas as informações para que a sua aventura seja intensa e rica!

ATREVA-SE!... naturalmente...

Hotel Mira Serra - Celorico da Beira | 271742604 / 961331160 | GPS 40.630793 / 7.396728

“Somos uma das primeiras Misericórdias que obtiveram a certificação da qualidade”

“É curioso recordar que, logo aos meus 14 anos, iniciei esta ligação ao associativismo... Ao juvenil, enquanto estudante e presidente de uma associação de estudantes do ensino superior e, mais tarde, também quando vim para aqui viver, em 1999, abracei um cargo numa associação local e estas minhas participações em instituições como voluntário têm sido uma realidade ao longo da vida. Entrei para a Misericórdia há cerca de dez anos e, em 2011, ano de eleições, não se verificou a possibilidade de continuação dos anteriores órgãos sociais, pelo que, enquanto presidente da Assembleia da Santa Casa da Misericórdia de Galizes, me senti na obrigação de organizar uma lista e de ter que a encabeçar. Confesso que não fazia parte dos meus planos ser tão cedo provedor da instituição mas a verdade é que desempenho esta função desde então e até à data. Acima de tudo, o que me faz estar aqui é o trabalho de missão e o apoio aos outros”.

Sabemos que a esmagadora maioria dos provedores não é remunerada mas, na verdade, muitos dedicam mais horas do que se viam forçados a dedicar ao serviço das suas profissões... Entretanto, as misericórdias vêem-se hoje obrigadas a adotar uma gestão empresarial, sendo muitas os maiores empregadores dos concelhos onde intervêm... O que pensa relativamente a esta questão da remuneração?

Na minha opinião, quer nas santas casas, quer nas IPSS, embora exista esta dicotomia do funcionamento semelhante ao de uma empresa mas não possam ter lucros, que deverão ser reinvestidos na área social, estes cargos não devem ser remunerados. Por um lado, isto coloca-nos num ponto de igualdade relativamente aos colaboradores deste tipo de instituições e, por outro lado, quando as pessoas integram uma santa casa ou uma IPSS já sabem de antemão que virão exercer um trabalho voluntário. O espírito das santas casas é precisamente esse. E sempre foi, desde a génese do movimento no país, há mais de 500 anos, em que se iniciou a tendência de fazer o bem sem olhar a quem e, muitas vezes, sem serem sequer reconhecidos pelo trabalho que faziam.

Entretanto, presumo que não seja propriamente fácil abraçar um projeto desta envergadura e



Bruno Miranda
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Galizes

É um dos rostos de uma nova geração que enfrenta de peito aberto os designios futuros de um movimento com mais de cinco séculos em Portugal. Bruno Miranda é, há sete anos, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Galizes, cargo que desempenha voluntariamente, seguindo o espírito de missão que é génese da instituição, aliado a um pragmatismo renovado quer pela juventude, quer por conhecimento mais consolidado em evidência científica que tem vindo a fazer escola em matéria de intervenção socio-sanitária, particularmente nos territórios do interior do país.

responsabilidade em tão tenra idade...

Sim, e reforço a questão da responsabilidade... Na altura, estávamos a iniciar a construção do atual lar, uma obra orçada em 2,5 milhões, o que não se afigurava nada fácil mas fizemo-lo com a firme convicção de que ultrapassaríamos qualquer adversidade. Se não tivesse garantias de que a instituição teria capacidades para o fazer, não teria na altura assumido este compromisso e, na verdade, tudo deu certo. Houve uma conjugação de fatores fantásticos que nos permitiram ultrapassar as dificuldades, desde termos uma equipa especializada em obras, de termos na altura um ministro da solidariedade com quem havia bom entendimento, de o próprio Governo ter apostado na área da deficiência, de termos chegado aos 90 por cento de

apoio do POPH... A par da firme convicção da boa equipa que tinha quando abracei o projeto, houve de facto, uma conjugação de fatores que contribuíram para o sucesso.

Depreendo que este lar tenha sido a “menina dos seus olhos”...

É óbvio! Esta é uma obra emblemática no concelho de Oliveira do Hospital. Se recuar 60 anos, não encontra nenhuma outra com montantes envolvidos nem com dimensão semelhantes.

Que valências oferece atualmente a Santa Casa da Misericórdia de Galizes?

O nosso forte, em termos sociais, é precisamente a aposta na deficiência. Temos dois lares, a Casa São João de Deus, com capacidade para 42 utentes e a Casa Nossa Senhora



da Visitação, com capacidade para 36 utentes, acoplada a uma residência autónoma, com capacidade para mais cinco. Temos centros de atividades ocupacionais com capacidade para 40 pessoas mas nos quais recebemos praticamente a maioria absoluta dos utentes que temos nas anteriores valências. Depois, temos creche, com capacidade para 33 crianças, atualmente completa; um centro de medicina física e de reabilitação, também de referência no que concerne aos serviços que presta; temos serviço de apoio domiciliário para idosos, no âmbito do qual temos ainda aberto um antigo estabelecimento onde fazemos o acompanhamento dos idosos durante o dia; temos atualmente a perspectiva de abirmos um centro de dia na localidade de Galizes nas instalações da antiga escola primária; e temos, paralelamente, uma série de outros serviços, nomeadamente uma farmácia social, durante décadas a única valência visível desta instituição que, até 1999 permaneceu algo estagnada, temos também ao nosso encargo um posto de correios, equipa de RSI e tudo aquilo que está associado à parte religiosa, como uma igreja da Misericórdia, onde prestamos apoio de catequese a todas as crianças da localidade, cemitério... Temos também uma quinta, que exploramos... Em suma, são vários os serviços que prestamos à comunidade que, de outra forma já estariam provavelmente extintos há muito tempo, algo que também nos distingue.

Em que medida têm sentido, como noutras regiões do interior do país, à desertificação do território?

Diria que, neste momento, o fenómeno já não tem grande expressão mas, há dez anos atrás, notou-se muito a saída de jovens. E segundo os últimos censos a população diminuiu consideravelmente, a natalidade reduziu e a mortalidade cresceu.



Essa população portadora de deficiência que servem é exclusivamente oriunda do concelho?

Não. Temos utentes de vários pontos do país, de norte a sul. Abrimos o primeiro lar em 1999, altura em que não existiam no país respostas ao nível de lar residencial para a parte da deficiência... Creio que essa aposta se revelou acertada, pelo que tivemos pessoas de praticamente todo o país a integrar o lar residencial, que ainda hoje permanecem connosco.

De quantas pessoas dispõem para assegurarem a concretização desse serviço à comunidade?

Temos perto de 100 colaboradores. Além disso, temos equipa médica, equipa de enfermagem, psicólogos, assistentes sociais... E onde se nota mais essa especificidade é no trabalho diário, realizado no Centro de Atividades Ocupacionais, onde temos animadores, monitores, professores do ensino especial... E estamos a funcionar como se fosse uma escola. Não será por acaso que somos uma das primeiras Misericórdias que obtiveram a certificação da qualidade.

Que principais projetos gostaria de ver ainda concretizados durante a sua provedoria?

Diria que o principal projeto que decorrerá ao longo do ano 2018 é a comemoração dos 350 anos da instituição. Temos um programa de atividades culturais, religiosas, recreativas e desportivas projectado para este ano, ao passo que, no âmbito social, temos um projeto inovador a nível nacional a ser ultimado, que visa a criação de um centro de acolhimento temporário com especificidade para a deficiência, que obviamente pretendemos ver apoiado pelo Instituto da Segurança Social mas para o qual, independentemente da cedência desse apoio, avançaremos a expensas próprias. Trata-se de uma obra de reconversão de um edifício do

SCM Galizes promoveu o evento no Dia Mundial da Pessoa com Deficiência

Gala Dr. António Vaz Patto: Olhar a diferença pela diferença é promover a igualdade



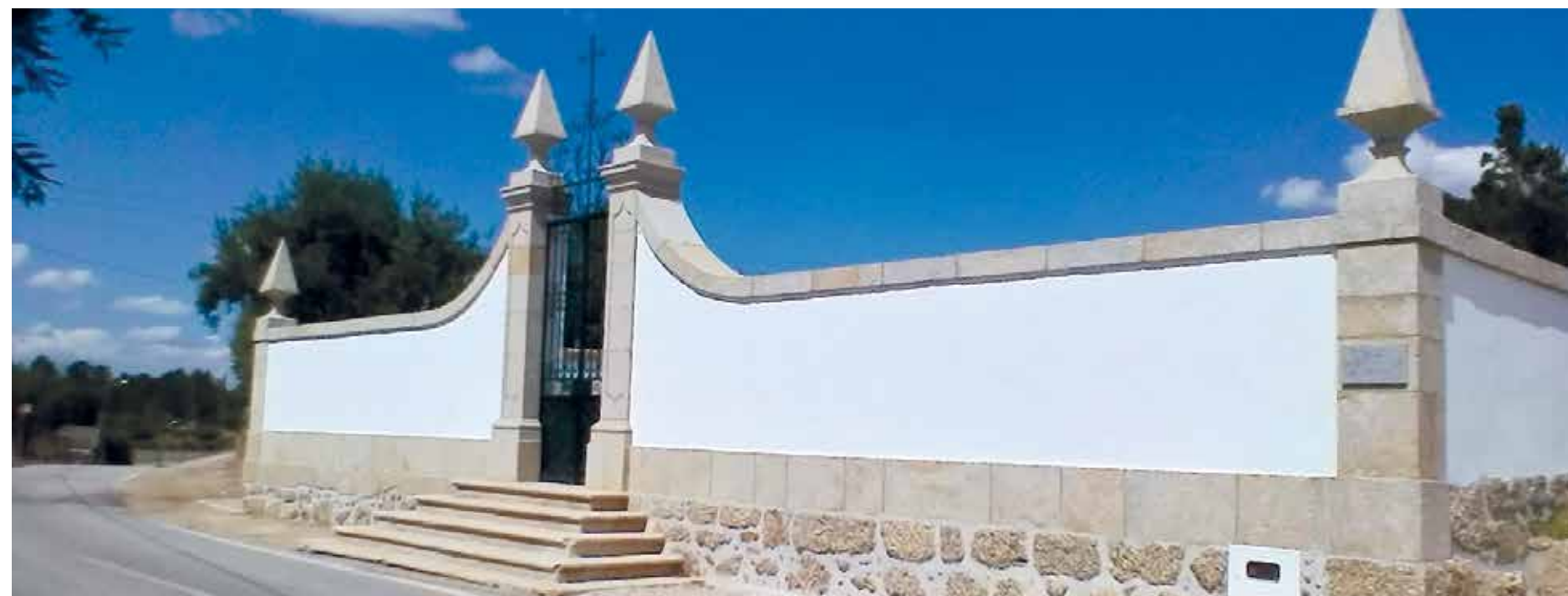
No dia 3 de dezembro, a SCM GALIZES promoveu a quinta edição da Gala Anual Dr. António Vaz Patto, que contemplou uma mostra do trabalho desenvolvido pelos centros de atividades ocupacionais, nomeadamente nas áreas do teatro, da dança, de recitação e da poesia.



início século XX que nos foi oferecido para fins sociais, que iniciaremos no início de 2018. Ainda para este ano, temos um projeto de criação de um núcleo museológico nalguns edifícios que temos adjacentes à Igreja da Misericórdia, que combinará exposições temporárias e fixas. E, como afirmei, temos a questão do centro de dia, a par da reconversão da Escola Primária de Galizes numa futura EPI, este último numa perspectiva de médio prazo. O mandato tem como horizonte 2020 e, gostaria de ver pelo menos concretizados os primeiros três projetos nestes três anos que se avizinham... Depois, logo se verá se haverá espaço e razão para um novo mandato...



Lar residencial da Santa Casa da Misericórdia



Cemitério da Santa Casa da Misericórdia

Com Fernão Magalhães, na rota dos sabores e dos saberes...

A Adega Cooperativa de Sabrosa celebra este ano 60 anos de existência... Como descreveria a evolução da Adega e dos produtores da região ao longo destas seis décadas?

A Adega Cooperativa de Sabrosa existe desde 1958, ano em que foram constituídos os seus estatutos e registo comercial e teve a primeira vindima em 1960. Na altura, teria pouco mais de 100 sócios que, antes da criação da Adega, produziam o vinho em casa e comercializavam-no a título individual, cenário que resultava em diversas dificuldades, sobretudo no que toca ao escoamento e à realização de mais-valias. Numa época em que começavam a surgir no Douro movimentos cooperativos, também aqui os lavradores resolveram juntar-se, fundando a Adega Cooperativa de Sabrosa e, desta forma, adquirindo uma maior escala, reduzindo os custos, otimizando recursos e encontrando uma solução mais eficiente para a vertente da comercialização, a que se afigurava mais problemática. Por outro lado, verificaram-se incrementos significativos ao nível da conservação e do aumento da qualidade dos vinhos, decorrente do facto de uma adega beneficiar da existência de enólogos e outros técnicos ligados ao cultivo e à produção. Entretanto, a Adega foi crescendo... Até ao início da década de 80, produzíamos vinhos de mesa que vendíamos a granel e em garrafão, sendo o vinho do Porto vendido a granel às casas exportadoras; a partir do final da década de 80, constatou-se a necessidade de apostar nos vinhos de maior qualidade, nomeadamente os DOC Douro. Foi aí que passámos a comercializar em garrafa quer os vinhos de mesa, quer os DOC. O Fernão Magalhães é a marca icónica da Adega Cooperativa de Sabrosa e aquela que representa os nossos melhores vinhos, concretamente os DOC, os DOC Reserva, o Porto 10 Anos, a Bagaceira e o Moscatel. Depois, temos os vinhos de entrada, os designados vinhos de mesa, comercializados sob a marca Adega Cooperativa de Sabrosa. A Adega foi aproveitando os sucessivos apoios concedidos desde a entrada de Portugal na CEE e tem vindo a modernizar-se, nunca descurando o objectivo primordial, que consiste no pagamento aos seus associados. Basicamente, a

Contando com cerca de 600 associados, a Adega Cooperativa de Sabrosa tem vindo a abrir fronteiras e a descobrir novos palcos para fazer brilhar os seus vinhos. Prestando homenagem ao navegador português, Fernão Magalhães é a marca icónica da Adega que, na direcção presidida por José Nuno Gouveia, tem vindo a conquistar o pódio em vários concursos internacionais, resultado de uma clara aposta na modernização e no incremento da qualidade. Em entrevista, o Presidente da Direcção da Adega Cooperativa de Sabrosa abre-nos as portas a esta rota de prazeres...

nossa função consiste em receber as uvas dos sócios, transformá-las em vinho, valorizá-lo o melhor possível, vendê-lo e dar retorno financeiro aos sócios. **E após essas seis décadas de história, como está hoje a Adega Cooperativa de Sabrosa?**

A Adega continua hoje a evidenciar um crescimento sustentado e sustentável. Contamos com cerca de 600 associados, de Sabrosa e concelhos limítrofes, infelizmente, temos sofrido algumas quebras ao nível da produção devido a fatores climáticos adversos mas, em compensação, a qualidade da produção deste ano foi ótima, traduzindo-se, entre outros fatores, num dos anos em que obtivemos graduações mais elevadas, com uma média de 13,5 graus. Em suma, foi um bom ano. E será certamente um ano para guardar lotes que potenciarão excelentes reservas, igualando ou superando mesmo as que temos atualmente, de 2015 e 2016.

Sendo certo que Portugal tem regiões vitivinícolas de excelência, que factores de diferenciação apresentam os vinhos da Adega Cooperativa de Sabrosa?

Desde logo, estamos na Região Demarcada do Douro, reconhecida mundialmente como produtora de qualidade e transportadora de uma história ímpar, arrastada pelo Vinho do Porto. Felizmente, há cerca de 20 anos, os agentes do sector constataram que se estas uvas produziam um bom Vinho do Porto, seria perfeitamente natural que também dessem origem a bons vinhos DOC

e de mesa. Estamos situados numa região alta do Douro, onde sobretudo as castas brancas adquirem destaque devido às temperaturas mais amenas. É unânime que esta é das melhores zonas para produzir vinhos brancos de alta qualidade e é por aí que temos vindo a fazer a diferenciação, ao que não são alheias as distinções que os nossos brancos têm vindo a receber.

Em toda a cadeia de produção ligada aos vinhos, desde a viticultura à vinicultura, é comum ouvir-se falar em romantismo, num sentimento de pertença e de paixão muito particularmente vivido por quem trabalha as terras e o vinho... Por outro lado, também parece legítimo falar-se hoje numa componente científica muito presente. Em que medida tem sido esta vertente uma aposta da Adega Cooperativa de Sabrosa?

Sim, é verdade que essa componente científica se encontra hoje muito presente no sector. No caso particular da Adega Cooperativa de Sabrosa, temos levado a cabo um grande esforço de modernização nesse sentido, nomeadamente ao nível do apetrechamento com os equipamentos mais atuais, o que nem sempre é fácil face aos avultados investimentos que isso representa e ao equilíbrio financeiro que temos que potenciar por forma a não defraudar os nossos sócios e a compensá-los devidamente. Mas temos aproveitado muito positivamente os financiamentos existentes no seio da UE, o que nos permite, por exemplo, termos hoje prensas de última geração para os vinhos brancos, modernizámos as cubas, os sistemas de frio e de aquecimento, o laboratório... Outra aposta desta direcção tem-se focado na captação de pessoal qualificado, nomeadamente de jovens a quem proporcionamos estágios após a conclusão do seu percurso académico e que, após esse período, habitualmente contratamos.



ADEGA
DE
SABROSA

FERNÃO DE MAGALHÃES RESERVA

DOC - Tinto

Enólogo: Celeste Marques

Castas: Touriga Nacional e Tinta Roriz

Cor: Vermelho Ruby

Notas de frutos silvestres frescos, bem integrados com elegantes notas de especiarias.

Elegante, persistente e evoluído em grande harmonia para uma estrutura muito compacta de taninos firmes. Ideal para acompanhar pratos de queijos e carnes de caça.

Entre 15°C e os 18°C e se possível Chambread.



FERNÃO DE MAGALHÃES RESERVA

DOC - Branco

Enólogo: Celeste Marques

Castas: Gouveio, Viosinho e Rabigato

Cor: Citrina e Cristalina

Notas cítricas e florais.

Fresco e com boa acidez, fim de boca longo e persistente.

Ideal para acompanhar pratos de peixe comomarisco, e saladas.



FERNÃO DE MAGALHÃES MOSCATEL RESERVA

Moscatel Douro

Enólogo: Celeste Marques

Castas: Moscatel Galego Branco

Cor: Alourada

Notas de tangerina, casca de laranja cristalizada e caramelo.

Possui uma boa relação açúcar/acidez que lhe dá uma excelente frescura. Ideal para acompanhar sobremesas doces.

Envelhecido em cascos velhos de carvalho.

FERNÃO DE MAGALHÃES PORTO 10 ANOS

Vinho do Porto

Enólogo: Celeste Marques

Castas: Touriga Nacional, Touriga Franca e Mourisco

Cor: Alourado

Intenso, com notas de frutos secos e fruta madura, apresenta nuances de madeira.

Doce, com volume e incorporado deixando na boca um sabor prolongado. Ideal para acompanhar sobremesas.



A Adega Cooperativa de Sabrosa foi premiada com uma medalha de PRATA no concurso de Vinhos da CINVE'18, nos seguintes vinhos:



* Fernão de Magalhães Branco DOC 2017
* Fernão de Magalhães Tinto DOC 2016
* Fernão de Magalhães Moscatel



NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Rua das Flores, 27 - Alto de Paços - 5060-321 Sabrosa - Portugal
+351 259 939 177 - adega.sabrosa@gmail.com - www.adegacooperativadesabrosa.com

Quando a maçã é pecado original e o vinho é “escrito” por um mestre português como Aquilino Ribeiro...



São dois dos maiores ícones distintivos do solo português os produtos nobres que nascem, crescem e chegam às nossas mesas a partir da Região Demarcada do Távora-Varosa. É verdade que a denominação não sobressai à primeira leitura mas, se falarmos em fatores distintivos como a marca Terras do Demo, que despertam memórias de Aquilino Ribeiro, ou na primeira região demarcada de espumantes do país, certamente despertarão os mais exigentes sentidos... Se a estes ex-líbris juntarmos a rainha do pomar local, a maçã – com a devida vénia à “Bravo do Esmolfe” – não nos resta senão rendermo-nos a uma terra que promete fazer das nossas mesas verdadeiros tesouros... Tesouros que a Cooperativa Agrícola do Távora faz nascer e crescer em condições de excelência, face a um audaz investimento realizado, ao longo dos últimos anos, que a colocou a par da melhor oferta existente ao nível tecnológico e científico. Dadas as suas condições únicas – solos graníticos, primários e pobres em calcário, altitudes elevadas, clima temperado continental, entre outras – o território pode considerar-se abençoado para a produção de maçã e de vinho. O binómio clima solo faz desta região a mais apropriada, a nível nacional, para a produção de maçã, de onde sobressai a tão apreciada variedade “Bravo de Esmolfe”.

Relativamente aos vinhos brancos, a natural acidez, o intenso aroma e o carácter citrino, brilhante e fresco, criam especial realce, de forma a podermos afirmar tratar-se da região por excelência onde o vinho branco encontra condições únicas para se elevar ao mais alto patamar de qualidade. De igual modo, os vinhos tintos, vêm buscar essa delicadeza no aroma e nobreza do corpo, alcançando um notável glamour com o tempo. Um dos rostos mais visíveis deste caso de estudo no seio do cooperativismo português, o Presidente da Direção da Cooperativa do Távora, João Silva, guia-nos, em entrevista, numa visita à instituição...

63 ANOS DE HISTÓRIA

“Esta estrutura cooperativa, que leva já 63 anos de existência, começou por ser apenas uma adega. Na sequência do pós-guerra, face à crise que afetou o setor vitícola e que resultou em constrangimentos, nomeadamente no que concerne ao escoamento, o governo da altura privilegiou a constituição de adegas, que elegiam como finalidade a concentração de toda a produção e a garantia do escoamento da produção. É neste contexto que encontramos as gésenes desta cooperativa, que iniciou a sua atividade com poucos associados e os foi aumentando a par do aumento do sucesso evidenciado ao nível do escoamento dos vinhos. As pessoas começavam a constatar que valia a pena entregarem as suas uvas pois tinham a garantia de que a Cooperativa resolveria o problema do escoamento. Mas sucedeu-se um determinado momento em que havia que dar corpo a uma identidade de cada cooperativa e de cada região. Assim, começámos a fazer os vinhos brancos, introduzidos no mercado com uma marca de

peso, designada Terras do Demo. Essa marca é baseada numa história e num casamento feliz entre a família do escritor Aquilino Ribeiro e a Cooperativa que soube, na altura certa, potenciar um grande romance de um grande escritor e projetar a marca para o mercado interno. Aliás, devo frisar que todas as nossas marcas de vinhos que temos estão ligadas ao escritor, como sucede com o Malhadinhas... Aos vinhos brancos, sucederam-se na produção os vinhos tintos, mais tarde rosados, até que, em 2005, entrámos na área dos espumantes. Em suma, pretendemos tirar partido da grande potencialidade da região, do ponto de vista dos seus solos, altitude e clima. Mas porque a história desta Cooperativa não se cinge ao setor vitivinícola, há que referir o importante contributo da fruticultura. No início dos anos 70, altura em que optámos por plantações intensivas e ordenadas e graças ao grande impulso do Engenheiro Cartageno Ferreira nesta grande região do Douro Sul, foi constituída uma primeira organização frutícola no seio desta Cooperativa, normalizada e cumpridora de regras do comércio, que foi impulsionando o surgimento de outras organizações na região e que, este ano, foi contemplada com a ampliação e remodelação da nova estação fruteira”.

UMA COOPERATIVA QUE HONRA O CONCEITO DE ANTÓNIO SÉRGIO

“Somos uma estrutura constituída por três secções, uma da fruta, uma do vinho e outra de fatores de produção, que acompanham as necessidades evidenciadas pelos agricultores na aplicação dos seus tratamentos com produtos fitofármacos, na vertente mecânica ou noutras relacionadas com a sua atividade, como as rações ou adubos ou os próprios animais. Aqui, para além do aconselhamento técnico, os agricultores dispõem de uma estrutura que consegue moderar e modelar o fornecimento do que é necessário para o amanho das terras e dos vários cultivos. Paralelamente, isso permite-nos contribuir para uma nivelção de preços e, simultaneamente, satisfazer tecnicamente os agricultores, que podem adquirir na sua estrutura os produtos que necessitam”.

TÉCNICA E TÁCTICA NO TERRENO DE CULTIVO

“Volvidos estes anos de existência, a Cooperativa Agrícola do Távora tem cerca de 160 fruticultores ativos, modernos e com grande capacidade evidenciada no amanho dos seus terrenos na cultura da macieira, que fazem com profissionalismo, conhecimento e obedecendo a regras de segurança alimentar. Todos têm formação quanto ao manuseamento dos produtos fitofármacos, beneficiam de um grande acompanhamento técnico e constituem uma mais-valia para a região e, particularmente, para a Cooperativa Agrícola do Távora. No que concerne à viticultura, temos 1320 viticultores ativos, gente que também evoluiu significativamente quanto à selectividade da cultura e ao modo de fazer viticultura moderna. Esta região já reestruturou cerca de 600 hectares de vinha moderna, através do importantíssimo Programa Vitis, que nos permitiu, entre outros fatores, beneficiar da atual grande dinâmica em torno dos espumantes, que resultam da grande reviravolta traduzida pela seleção das castas. Estamos a crescer nesse sentido mas também porque os agricultores perceberam que era necessário modernizar as vinhas, fornecendo à Cooperativa matéria-prima de excelência e em quantidade, o que nos permite crescer de forma sustentável”.

CASTAS QUE ALIAM TRADIÇÃO E MODERNIDADE

“Nas brancas, tenho que destacar a rainha, a Malvazia Fina... Depois, temos o Verdelho que surge em segundo plano de evidência na região, cultivado entre os 600 e os 850 metros de altitude, o que permite um floral fabuloso e a obtenção de vinhos de excelência. Temos ainda algum Arinto e um pouco de Chardonnay, ainda que privilegiemos as castas portuguesas endógenas. Na região mais próxima do Douro, temos castas de excelência como o Viosinho e o Rabigato e ainda castas antigas, como a Rabo de Ovelha, o Sercial, o Verdelho Antigo e algum Fernão Pires”.

Serão estas as maçãs do pecado original?

A Cooperativa Agrícola do Távora produz, armazena e comercializa maçã desde 1979. Esta Cooperativa tem critérios exigentes de produção, através de acompanhamento técnico e tem ativo um sistema de avisos próprio para recomendações de tratamentos, segundo as normas da Protecção Integrada. O armazenamento, normalização e embalagem são feitos segundo um critério exigente de qualidade, respeitando as normas oficiais da normalização e comercialização. O sector de comercialização apresenta grande flexibilidade em termos humanos e materiais, o que permite uma grande e rápida capacidade de resposta às solicitações do mercado. A Cooperativa Agrícola do Távora está envolvida no processo de certificação de IGP (maçã da Beira Alta) e DOP (Bravo de Esmolfe) por forma a divulgar e comercializar a qualidade, fiabilidade e rastreabilidade de um produto de qualidade superior que é produzido nesta nossa região, a maçã.

Centro de Estudos da Gandra

Apoio pedagógico em todos os níveis de ensino

- Em grupo (Sala de Estudo)
- Individualmente (Explicações)


Rua de Cabo Verde, nº 2
(esquina com a Rua da Gandra)
4445-360 Ermesinde

Tlf. 22 974 12 18
Tlm. 93 93 97 968
E-mail: cegandra@iol.pt



Rua Fernando Almeida, 114 - 4470-288 Maia - Telefone: 229 476 737 - Fax: 229 476 739 - Email: micheleloureiro@sapo.pt

Michele Loureiro

gabinete de contabilidade e mediação de seguros

“Para o Estado, as pescas representam uma gota de água no oceano”



João Ramos
Presidente do Sindicato Nacional dos
Trabalhadores do Setor das Pescas:

Apesar de durante largos anos ter lutado pela defesa dos direitos dos trabalhadores do setor das pescas, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Setor das Pescas vive hoje dias à imagem de uma atividade que, apesar do enorme potencial financeiro, de criação de emprego, de geração de impostos e da riqueza histórica que encerra, continua a ser ignorada à luz dos sucessivos decisores políticos. Surgido enquanto sindicato independente pouco mais de um ano após o 25 de Abril, a constituição do Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Setor das Pescas remonta a novembro de 1974, data da realização da primeira reunião que daria origem à sua constituição. Hoje, depara-se atualmente com um cenário semelhante ao de muitos outros congéneres, contando com cerca de 8 mil representados mas em que apenas uma curta minoria contribui com quotas. Apesar de algumas conquistas de grande mérito para a reposição da justiça relativamente à condição de algumas das suas classes profissionais representadas, o próprio presidente do SNTSP, João Ramos, confessa alguma descrença relativamente ao futuro do setor, face à indiferença política que foi constatando ao longo dos vários anos que dedicou a uma causa, sempre exercida de forma altruísta e voluntária. Em entrevista, João Ramos fala-nos sobre o passado, o presente e o futuro do Sindicato, denunciando a falta de visão estratégica evidenciada por Portugal para o sector do mar...

Sendo por muitos estratagemas admitido como o maior recurso de que o país dispõe, o mar também tem vindo a ser apontado como uma área que os sucessivos decisores políticos têm menosprezado... As pescas, entre outras atividades, poderiam representar uma contribuição muito significativa para o PIB do país mas continuam a ser apostas adiadas... Durante o seu percurso, já teve alguma vez esperança relativamente à forma como o país olharia para o mar e para as pescas?

Não! É fundamento-o através da constatação do facto de, nunca no nosso país, os governantes se terem preocupado minimamente com as pescas. Para o Estado, as pescas representam uma gota de água no oceano. Se estivessem minimamente preocupados com as pescas, nem os armadores nem os pescadores estariam hoje na situação em que estão. Nem teríamos apenas 12 navios a atuar num país que é pioneiro nas pescas. Somos descobridores das pescas e,

atualmente, somos também dos mais pequenos no sector... Não lhe parece legítimo que os pescadores beneficiassem de uma qualquer participação por parte do Estado, nomeadamente através do IRS, uma vez que passam dez meses no mar, não contribuindo para a degradação do que existe em terra? São emigrantes sem sequer beneficiarem desse estatuto e pagam como os outros... Hoje, embora muitos tripulantes sintam a necessidade de procurar mais rendimentos, não compensa a um pescador fazer uma terceira viagem no mesmo ano, uma vez que a carga fiscal inerente à tributação da mesma é demasiadamente elevada. E sabem que estarão basicamente a trabalhar para o Estado... Obviamente, são condições que desaconselham a que se trabalhe e que impõem como alternativa o desemprego, com todas as consequências para esse mesmo Estado... É caricato mas representa a verdade. E reafirmo que todos os governos que passaram pelo nosso país tiveram culpa nisto. Nunca ligaram absolutamente nada às pescas nem mesmo ao mar, que é ainda mais amplo e representa ainda mais oportunidades a explorar! Portanto, é muito difícil acreditarmos que, algum dia, isto mudará.

Entretanto, Portugal é detentor de uma das maiores orlas costeiras da Europa, tendo mesmo visto

consagrada a ampliação da plataforma continental, o que transforma o território marítimo nacional um dos maiores... O que parece contrastar com as quotas de pesca...

A situação das quotas no domínio dos pescadores da pesca longínqua é ingrata. Não existem quotas! Uma empresa, para poder trabalhar com os seus barcos, tem que comprar quotas de pesca a países que têm quotas bem maiores do que a que Portugal tem e que não as utilizam... E os patrões têm que comprar essas quotas, caso contrário, farão uma viagem anual e, no restante tempo, terão os barcos amarrados ao cais. E não há empresa que possa sobreviver a trabalhar nestas condições. Os nossos líderes políticos deveriam começar a pensar em conseguir quotas para Portugal, sem estarem sempre a dizer amém em Bruxelas. Eu presido um sindicato que representa várias classes profissionais dentro do sector e nunca me resignei nem baixei a ninguém em particular... Sempre defendi posições justas... Também por isso, no último contrato que negociei para os pescadores, consegui alcançar uma garantia mínima: quer o barco pesque ou não, têm 1173 euros mensais garantidos. Esse valor, o armador é obrigado a pagar-lhes... Infelizmente, ainda há muito a fazer...

E ainda há uns anos atrás, o Estado pagou para que fossem abatidas embarcações portuguesas...

Exatamente! Enquanto nós abatemos barcos, a nossa vizinha Espanha construiu barcos e trabalha hoje em qualquer parte do mundo onde exista pesca, seja qual for... Se hoje passar na lota de Aveiro num fim-de-semana, depara-se com uma estrutura deserta... A mesma em que, há 20 anos atrás, via quatro ou cinco filas de barcos alinhados ao comprimento da mesma... E, segundo consta, há ainda mais barcos para abater na costa...

Postas todas essas barreiras, por que continua a dedicar-se a esta causa e à presidência deste Sindicato?

Quando me entrego a uma causa dificilmente a abandono... Durante anos, o meu trabalho no Sindicato passou a constituir a minha grande prioridade de vida... Apesar de todo o desgaste e de confessar que apenas continuo aqui porque, até ao momento, ainda não surgiu qualquer alternativa à presidência, continuo a acreditar que os pescadores precisam muito de um sindicato como o nosso. Este sindicato não é comunista mas também não é comodista...

O Sindicato foi fundado em setembro de 1975 como independente, embora a sua constituição remonte a novembro de 1974, data da realização da primeira reunião com vista à sua criação. Começou por ter um âmbito distrital, tendo sido membro fundador da UGT, cujo executivo integrou durante largos anos, com a atribuição de um pelouro relacionado com as pescas, no executivo de José Manuel Torres Couto. Em determinada altura da nossa história, e após definir uma posição intransigível na defesa dos seus representados, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Setor das Pescas apoiou uma reivindicação dos seus associados que culminou numa greve no setor das pescas do largo, que teve a duração de 20 dias, com todos os navios 100 por cento parados nos mares da Terra Nova, Gronelândia e Noruega mas que, felizmente, valeu a pena porque, daí para a frente, tudo se tem resolvido com diálogo entre as partes, ao que não foi alheio o surgimento de uma nova geração de armadores no setor, que têm revelado outro tipo de sensibilidade face às necessidades e expectativas do pessoal que empregam. Contudo, relembro que esta foi uma situação em que não nos sentimos devidamente apoiados pela central sindical que, legitimamente, tinha a obrigação de nos suportar. A partir daí, decidimos abandonar a direção da UGT e, hoje, somos um sindicato de âmbito nacional, representando todos os trabalhadores do sector das pescas, seja a classe que opera no mar, desde os oficiais, passando pelos maquinistas, motoristas, oficiais de ponte ou marinheiros, até ao pessoal de terra. Efetivamente, temos muitos associados, na ordem dos oito mil, porém muito poucos contribuem com quotizações. O que foi muito potenciado pela própria evolução do setor das pescas no país. Como é sabido, tivemos no passado mais de 70 navios, ao passo que, hoje, temos cerca de uma dúzia... Tínhamos 70 homens por navio, ao passo que, hoje, temos 30... E escusado será constatar que só paga quotas quem está a trabalhar. E lamentar ter que admitir que sindicatos como o nosso em particular está há muitos anos a ser “empurrado” para a extinção. Repare que, quando me candidatei pela primeira vez às eleições, existiam três listas... Hoje, é a única... O que também se explica pelo facto de estar aqui de forma completamente gratuita.

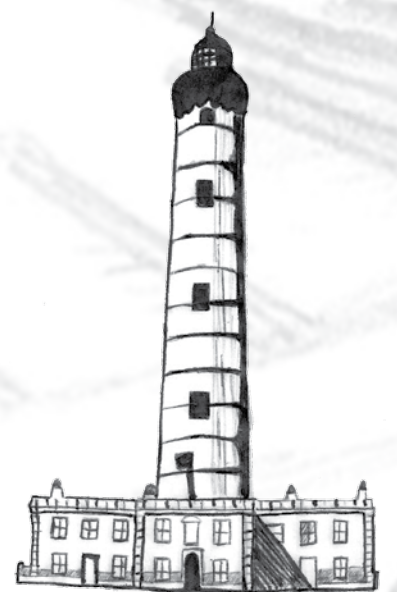




ABB confirmada como número 1 mundial no DCS

Com uma quota de mercado de aproximadamente 20% em várias indústrias, a ABB é líder em automação e controlo digital, posição confirmada no relatório “Distributed Control Systems Global Market 2016-2021”. Continuando uma história de inovação com mais de 125 anos, a ABB está a escrever hoje o futuro da digitalização industrial e a impulsionar a Revolução Energética e a Quarta Revolução Industrial. A ABB opera em mais de 100 países, entre os quais Portugal, com cerca de 136.000 empregados.

A ABB continua a ser o número um no mundo, posição confirmada no relatório “Distributed Control Systems Global Market 2016-2021”, emitido pelo ARC Advisory Group. A ABB mantém a sua posição de liderança no mercado desde 1999, de acordo com analistas da ARC. A análise do mercado global do DCS tem em consideração múltiplos fatores, incluindo a dimensão do mercado, a sua segmentação, estimativas do mercado, estrutura das indústrias, quotas dos diferentes fornecedores e respetivos perfis. O relatório ARC também faz eco do lançamento da ABB Ability™, que reúne as capacidades digitais da ABB para diferentes indústrias. A ABB Ability ajuda os clientes das empresas de eletricidade, indústrias de transportes e de infraestrutura a desenvolver novos processos e a melhorar os existentes, fornecendo-lhes conhecimento e otimizando o planeamento e controlo das suas operações em tempo real. Os resultados obtidos podem então ser enviados para os sistemas de controlo melhorando índices essenciais, como disponibilidade de fábrica, velocidade e rendimento. Este prestigiado reconhecimento concedido à ABB, líder mundial em tecnologia industrial também com forte presença no mercado português, foi precedido pelo prémio recentemente concedido pelos consultores da Frost & Sullivan, que nomeou a ABB como companhia do ano de 2017. A ABB foi elogiada como empresa de referência em digitalização, graças ao seu portfólio DCS. Com o seu profundo conhecimento e experiência digital única, a ABB trabalha com seus clientes para atender às suas necessidades e melhorar as indústrias elétrica, hidráulica e de processos.

A liderança da ABB no DCS é evidente nos inúmeros projetos inovadores realizados em todo o mundo. O sistema 800xA da ABB Ability desempenha um papel essencial no sucesso do Sadara, o maior complexo

químico do mundo que foi construído numa única fase. A monitorização e automação do processo completo de produção está totalmente integrada com o sistema 800xA, que combina 18 sistemas de controlo e 260 estações de operação e/ou engenharia. A capacidade de integração do sistema também ajudou a mina de Garpenberg a ser uma das mais eficientes e modernas no mundo. Os elevadores, movimentação de moinhos, ventilação, extração de água, subestações elétricas, transportadores, trituradores, armazenamento e manutenção de minerais, bem como gestão de documentos e comunicações, são integrados perfeitamente no sistema de automação. Muito recentemente, a Emami Cement selecionou o sistema 800xA da ABB para automatizar sua nova fábrica, que fortalecerá suas infraestruturas e poderá continuar a crescer na Índia.

ABB Ability Symphony® Plus é a solução central para integrar novas tecnologias em vários projetos, como o controlo de emissões na central de energia elétrica em Wisconsin, Estados Unidos; a proteção da cidade de Veneza, Itália, declarada patrimônio mundial pela UNESCO, através do sistema de controle de cheias MOSE; a automação e a eletrificação da Adani, a maior central de energia solar do mundo em Kamuthi, na Índia; ou habilitando a Saigon Water Corporation (SAWACO) do Vietnã a controlar e operar eficientemente as suas instalações em tempo real, reduzindo significativamente a quantidade de água não faturável.

A ABB é o fornecedor líder de soluções integradas de eletricidade e automação, com uma experiência inigualável em parcerias com indústrias globais, proporcionando operações aprimoradas e progresso sustentável. A ABB fornece sistemas digitais integrados e seguros, serviços e soluções para automatizar e otimizar o desempenho de processos e indústrias elétricas.



Miguel Pernes
Country Managing Director da ABB

ABB posicionada para um crescimento rentável

O processo de transformação da ABB simplificou e reforçou a oferta e as operações da empresa.

Em 2017, as encomendas base do Grupo ABB cresceram 5%, com um aumento contínuo em cada trimestre e em todas as divisões e regiões. Por sua vez, o total de pedidos manteve-se estável. As receitas aumentaram 1% e a margem de EBITA operacional foi de 12,1%, impactada em 30 pontos base por custos relacionados ao negócio EPC. O lucro líquido aumentou 17% para 2.213 milhões de dólares e o Cash flow operacional manteve-se estável, enquanto o Net working capital (em percentagem do volume de negócios) foi reduzido em 11,3%. Do mesmo modo, foi proposto um aumento de 0,78 francos suíços por ação, que representa o nono aumento consecutivo. 2017 foi um ano de transição, em que a empresa simplificou e reforçou a sua oferta e operação por meio da estratégia Next Level, o que permitiu desbloquear maior valor para os acionistas e proporcionar um retorno atraente. A ABB trabalhou em 2017 para alcançar um portfólio alinhado e reforçado através da conclusão da aquisição da B&R, da GE Industrial Solutions, da alienação do negócio dos cabos de alta tensão e da assinatura de duas joint ventures para atividades de EPC. Da mesma forma, durante o ano de 2017 também houve uma mudança no modelo de negócios da Power Grids e da Robotics and Motion e a mudança do negócio da Industrial Automation já começou. Durante este período, a ABB Ability liderou o crescimento em todas as divisões da empresa.





A empresa mais feliz para trabalhar em Portugal

O que é que faz com que a Hilti esteja entre as melhores empresas para trabalhar em Portugal? O que a distingue?

É importante começar por referir que estar entre as melhores empresas para trabalhar não é para a Hilti um objetivo por si só, mas o resultado de uma genuína paixão por aquilo que fazemos. Na base da cultura da empresa Hilti encontramos a performance e as pessoas, e ter presente em tudo aquilo que fazemos estas duas dimensões é claramente a pedra basilar do sucesso da Hilti como boa empresa para trabalhar. O facto de as pessoas serem ouvidas e agirmos com base na sua opinião confirma que a estratégia é de facto implementada com ações concretas que vêm das próprias pessoas. Existem vários exemplos que promovem na sua plenitude aquilo que entendemos por “tratar bem as nossas pessoas”. Reconhecemos as pessoas pelos bons resultados, através de distinções, ao mesmo tempo que promovemos iniciativas como cabaz de Natal e de Páscoa, pequeno-almoço disponível na sede, flexibilidade horária, aulas de ioga, plataforma online com protocolos em várias áreas, aposta na formação, duas pontes, dias de antiguidade que oferecemos como dias de férias adicionais, seguro de saúde extensível ao cônjuge e descendentes...tudo isto porque pessoas felizes são mais produtivas.

O que mais valorizam nos candidatos para trabalhar na empresa?

Essencialmente, procuramos pessoas alinhadas com os nossos valores: integridade, trabalho em equipa, compromisso e coragem. Para além disso, é importante que possuam fortes competências interpessoais e de comunicação, gostem de desafios, tenham sede de aprender e de se desenvolver na empresa, uma vez que não recrutamos para uma função específica mas sempre com uma visão de construir uma carreira na Hilti- oportunidade de trabalho no estrangeiro, exercício de diferentes funções e experiências profissionais em diferentes mercados.

Quais as formas de recrutamento que utilizam?

Recrutamos através do website da Hilti, onde estão disponíveis as vagas em aberto, sendo também possível enviar candidaturas espontâneas. Também no LinkedIn e nas universidades divulgamos as nossas oportunidades.

O que fazem para manter as equipas motivadas?

Definir um plano de desenvolvimento de carreira juntamente com os colaboradores, acompanhando-os e reconhecendo o seu esforço e desempenho. É natural que as pessoas se sintam motivadas quando existe um alinhamento total entre os seus objetivos e os da empresa, e é exatamente isso que procuramos fazer. O facto de sermos uma das organizações do mundo Hilti com maior índice de compromisso das pessoas, assim como termos sido considerada a empresa mais feliz para trabalhar em Portugal revela que estamos no bom caminho.

António Raab
Diretor Geral da Hilti Portugal



Acumulando distinções como a melhor empresa para trabalhar em Portugal ou Empresa mais Feliz em Portugal, a Hilti Portugal tem vindo a evidenciar-se como um case study no plano da valorização dos seus recursos humanos. É por isso com naturalidade que estes galardões têm surgido, desde 2016, sendo encarados no seio da “família Hilti” como uma consequência lógica da cultura empresarial instalada. Anualmente, a Hilti, que em Portugal opera a partir do Parque Empresarial da Lionesa, na freguesia de Leça do Balio, concelho de Matosinhos, aplica um inquérito aos seus profissionais, instrumento transversal a todo o grupo e com elevada participação, de que resultam ideias a aplicar na prossecução da melhoria de processos e do bem-estar dos trabalhadores. Destaque para iniciativas como o pequeno-almoço diário na sede, aulas de yoga, lembrança no dia da mulher, cabaz de Páscoa e Natal, seguro de vida, seguro de saúde, cheque infância e ainda eventos de cariz social. No que respeita a uma das prioridades do Grupo Hilti, o desenvolvimento das pessoas, a empresa concebeu ferramentas de acompanhamento, o People Management Process e o Strategic Manpower Development, que suportam a evolução de carreira dos seus colaboradores. Mais de 30 pessoas que iniciaram carreira na Hilti Portugal estão hoje em posições de destaque na Hilti Internacional, ao que não será alheia a forte aposta na formação, materializada em ações presenciais, algumas até fora do país, mas também na plataforma de e-learning, criada para facilitar a gestão de

Pessoas felizes são mais produtivas

agendas. A Hilti foi fundada em 1941, em Schaan, no Principado do Liechtenstein. Começou como uma pequena empresa familiar, que passou por um processo de crescimento contínuo até se tornar a multinacional que é hoje. Está presente em mais de 120 países e conta com cerca de 25 mil colaboradores. Marca presença no mercado português desde 1978, onde emprega cerca de 100 colaboradores e elege como missão construir um futuro melhor, o que passa por ajudar os seus clientes a construir mais rapidamente, com mais segurança e com maior inovação, sempre com a consciência do legado que deixam para trás. Na base da estratégia da empresa está uma cultura orientada para a performance e para o cuidar das pessoas. A busca constante pela excelência nos resultados é acompanhada por uma cultura que cuida e ouve verdadeiramente o



que os colaboradores têm a dizer, incentivando-os a questionarem-se e a desenvolverem as suas carreiras. Como testemunhámos em entrevista a António Raab, Diretor Geral da Hilti Portugal e a partir de um périplo pela empresa, aqui acredita-se que o que distingue uma organização são as pessoas. E porque o futuro aqui se constrói em conjunto, aproveitámos ainda para projetar as novidades que a Hilti apresenta ao mercado em 2018...

Que expectativas têm para o ano de 2018 no mercado da construção, isto na perspectiva de uma empresa da área das ferramentas para a construção?

Olhamos para 2018 com bastante expectativa. Todos os indicadores apontam para uma aceleração do mercado da Construção, nomeadamente, no segmento da renovação (que inclui a reabilitação urbana), mas também na construção nova que impulsionarão a utilização dos serviços de gestão de equipamentos e dos serviços associados à engenharia da Hilti. De facto, o mercado exige cada vez mais soluções que permitam construir mais rápido, com maior segurança e com elevados padrões de qualidade. Nesta perspectiva, a Hilti distingue-se como um parceiro de referência e confiança para apoiar os seus clientes em qualquer projeto de engenharia e construção.

Que desafios se colocam às empresas que actuam neste segmento de mercado?

A revolução tecnológica, a sustentabilidade e a eficiência energética estão a desafiar os métodos mais tradicionais

associados à construção civil. Ao nível da gestão de projeto e planeamento de obra, as novas soluções digitais estão a tornar real a “obra sem papel”. Isto implica um grande investimento no desenvolvimento de software de engenharia integrado – como o mais recente Hilti Profis Engineering – que suporte os engenheiros e projetistas no desenvolvimento dos seus projetos.

Os crescentes custos na mão de obra, a evolução tecnológica, a competitividade económica e o hiato atual entre a oferta e a procura aumentam a pressão sobre os processos construtivos tradicionais, e colocam em evidência a necessidade de se diminuir os tempos de construção. É imperativo, por isso, que as soluções que a Hilti coloca à disposição do mercado forneçam resposta a vários níveis, promovendo a produtividade e a rapidez para os projetos dos nossos clientes. A este nível, a gestão do tempo de

execução e dos custos dos projetos é suportada pela oferta de serviços diferenciadores, que permitem, por exemplo, a redução dos custos de gestão de equipamentos entre 50 a 80% (Hilti ON!Track) ou a otimização do parque de máquinas (Serviço de Gestão de Frota).

Em suma, as empresas que atuam neste segmento de mercado deverão trazer para o setor da Construção mais eficiência, menos desperdício e maior otimização na gestão dos recursos.

Nos últimos anos, os desenvolvimentos têm-se centrado essencialmente ao nível do conforto para o operador e equipamento. Quem escolhe ainda continua a olhar para estes critérios ou há outras equações a ter em conta, nomeadamente os custos operacionais e a resposta em prol da produtividade?

É uma realidade que as empresas dão cada vez maior relevância à gestão de custos na sua conta de exploração. Não obstante, é necessário que se continuem a desenvolver tecnologias que considerem a saúde e bem-estar dos utilizadores, assim como a minimização dos impactos ambientais dos projetos de engenharia e construção. É isso que a Hilti tem feito, ajudando a tornar as obras mais seguras e produtivas, concebendo soluções ergonómicas que contribuem para a prevenção de acidentes de trabalho. As nossas tecnologias inovadoras são concebidas para reduzir as poeiras (DRS), a vibração nas mãos e braços (AVR) ou a segurança nos trabalhos em altura (ATC). Acreditamos

que estas tecnologias conduzem a índices superiores de produtividade e rapidez na execução dos trabalhos, maior conforto para os trabalhadores e menor número de acidentes de trabalho, traduzindo-se em ganhos de tempo e na diminuição dos custos com a execução da obra.

Traçando a radiografia possível do mercado actual, que tipo de características têm mais procura no nosso mercado?

Temos notado uma crescente apetência do mercado pelos temas da saúde e segurança no trabalho que resulta de uma evolução da legislação nesta área e de uma regeneração do tecido empresarial que percebe a importância estratégica destes temas para a evolução futura do sector.

Por forma a responder às crescentes necessidades de formação dos nossos parceiros (clientes e colaboradores), inauguramos recentemente a Academia Hilti, entidade certificada pela DGERT, onde disponibilizamos uma oferta formativa alargada nas áreas de saúde e segurança e formações técnicas de engenharia.

Quais as novidades em que a empresa está a apostar neste momento e em que medida são diferenciadoras face ao que existe no mercado?

Para além da aposta na área da Formação já mencionada, a outra grande aposta da Hilti está no desenvolvimento de serviços inovadores para o setor da Construção. Falamos sobretudo na Gestão de Frota – um serviço de gestão integral do parque de máquinas do cliente – e no Hilti ON!Track – um software de gestão de equipamentos que permite a fácil rastreabilidade, a simplificação dos inventários e a otimização de stocks.

É ainda de referir a aposta na otimização da plataforma de ferramentas sem fio, associada a um serviço de reparações único no mercado, que permite ao cliente ter maior mobilidade, produtividade e rapidez nas suas obras mais desafiantes, nomeadamente as de reabilitação.



REFÚGIO DO MONTE



Situado no Malhão Pardo, entre o Mar e a Serra em pleno Parque Natural da Costa Vicentina, o Refúgio do Monte é um espaço rural em contacto directo e genuíno com a natureza. Venha usufruir da hospitalidade privada em ambiente rural e familiar que este refúgio lhe tem para oferecer. Ao passear a pé ou de bicicleta pelo Trilho dos Pescadores ou o Trilho das Vilas Históricas a paz vai ser um elemento obrigatório garantido pelo seu Refúgio e se os longos trilhos não lhe chegarem não se preocupe, a praia fica a uma distância de 5 km. Assim o Refúgio do Monte aliado a uma atmosfera de pura tranquilidade, oferece-lhe a oportunidade única de encontrar o seu recanto, fora da cidade. Com o melhor que Portugal tem para oferecer seja campo ou praia, como pode dizer não a um puro momento de prazer..." A gastronomia da região onde se destaca o peixe e Mariscos da costa tais como o Sargo, Robalo a Dourada ou os Perceves, Santola e a Lagosta associados aos produtos da terra traduzem a experiência de uma alimentação rica em sabores. Algumas das praias da região situadas entre os alcantilados da Costa Atlântica caracterizam-se pela sua tranquilidade e beleza são excelentes para a prática de desportos tais como o Surf ou Bodyboard. A observação de pássaros é outra das actividades potenciadas pela localização deste espaço situado sobre um enorme vale em absoluto estado de conservação natural e onde espécies tais como a abetarda, o rouxinol ou os mochos nidificam em plena tranquilidade.

*Herdade do Malhão Pardo • Boavista Dos Pinheiros, Beja, Portugal
Tel.: 912789005 / 283694023 • E-mail: info@refugiodomonte.com
<http://refugiodomonte.com> • Facebook: [refugiodomonte](https://www.facebook.com/refugiodomonte)*

